



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PROFHISTÓRIA**

IGOR SANTANA SANTOS

**“DESCOBRINDO O CABULA: POTENCIALIDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA
LOCAL PARA COMPREENDER OS PATRIMÔNIOS DO BAIRRO A PARTIR DAS
PRODUÇÕES DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS”.**

**SALVADOR
2025**



IGOR SANTANA SANTOS

“DESCOBRINDO O CABULA: POTENCIALIDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL PARA COMPREENDER OS PATRIMÔNIOS DO BAIRRO A PARTIR DAS PRODUÇÕES DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS”.

Projeto de pesquisa apresentado no mestrado profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Estadual da Bahia, Campus I, DEDC, Salvador, enquanto requisito para a qualificação do mestrado, sob a orientação da Prof^a Dr^a Luciana Conceição de Almeida Martins.

**Salvador/BA
2025**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo
SISB/UNEB.

Dados fornecidos pelo próprio autor.

S237"

Santos, Igor Santana

“DESCOBRINDO O CABULA: POTENCIALIDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL PARA COMPREENDER OS PATRIMÔNIOS DO BAIRRO A PARTIR DAS PRODUÇÕES DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS” / Igor Santana Santos.

Orientador(a): Luciana Conceição de Almeida Martins. Martins.

Salvador, 2025.

87 p : il.

Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA, Salvador. 2025.

1.História Pública. 2.Histórias em quadrinhos. 3.Ensino de História. 4.Patrimônio. 5.História local. I. Martins,Luciana Conceição de Almeida. II. Universidade do Estado da Bahia. Salvador. III. Título.

CDD: 907

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus alunos, colegas e amigos da Escola Estadual Visconde de Itaparica, onde durante 5 anos fui recebido com carinho e uma gentileza que carregarei onde estiver, esse trabalho é uma forma de agradecer ao bairro do Cabula e todas as pessoas que abraçaram esse jovem moço do interior que foi desbravar a capital.

Aos amigos, professores e funcionários do PROFHISTÓRIA/UNEB que me acolheram, me ouviram e compartilharam vários momentos em vida, sou muito grato por esses dois anos de conversas, cafés e risadas. Em especial deixo aqui minha gratidão eterna a minha orientadora Luciana Conceição de Almeida Martins pela paciência e contribuições na dissertação, a “chefia” Cristiana Ferreira Lyrio Ximenes que desde o primeiro dia sempre me incentivou a ir além do que meus olhos podiam ver, obrigado por confiar no meu potencial e me encorajar com suas palavras.

A minha família, meu pai João Vieira Santos e minha mãe Cirlene Gonçalves Santana que confiaram e dedicaram seu tempo e trabalho para que eu pudesse seguir minhas escolhas através dos estudos. A minha irmã, Ingridy Santana Santos ao qual admiro e nutro a mais profunda admiração, seu apoio constante é meu alicerce.

Por fim, mas não menos importante, a minha amada Eduarda França Brito que compartilhou toda essa jornada do meu lado, me incentivando e apoiando a seguir meu sonho, sem seu suporte nada disso seria possível, obrigado por ser essa força que me faz cada dia mais ser uma pessoa melhor.

"Umuntu ngumuntu ngabantu" – Provérbio Zulu

RESUMO

Esta dissertação investiga as possibilidades pedagógicas do ensino de história local por meio da produção de histórias em quadrinhos, tendo como foco o bairro do Cabula, em Salvador/BA. A pesquisa foi realizada com alunos da Escola Estadual Visconde de Itaparica e propõe a utilização de HQs como uma estratégia de mediação didática que fortaleça a consciência histórica dos estudantes, especialmente em torno de três temas geradores: a resistência quilombola, a intolerância religiosa e a preservação do patrimônio natural. A partir de visitas técnicas, pesquisas e uso de plataformas digitais, os estudantes foram incentivados a construir narrativas gráficas que valorizam a história e os patrimônios locais, promovendo o sentimento de pertencimento e identidade. A dissertação se insere no campo da História Pública e da Educação Patrimonial, propondo a articulação entre teoria e prática para uma aprendizagem significativa. O trabalho resulta na criação de um repositório digital no Instagram, onde as HQs produzidas pelos alunos são publicadas, promovendo o diálogo entre escola, comunidade e território.

Palavras-chave: Ensino de História. História Local. Histórias em Quadrinhos. Educação Patrimonial. História Pública.

ABSTRACT

This dissertation explores pedagogical possibilities for teaching local history through the creation of comic books, focusing on the Cabula neighborhood in Salvador, Bahia. The research was conducted with students from Escola Estadual Visconde de Itaparica and proposes the use of comics as a didactic mediation strategy to enhance students' historical awareness, especially around three key themes: quilombola resistance, religious intolerance, and the preservation of natural heritage. Through technical visits, research, and the use of digital platforms, students were encouraged to create graphic narratives that value local history and heritage, fostering a sense of belonging and identity. The dissertation is grounded in the fields of Public History and Heritage Education, advocating for the articulation of theory and practice toward meaningful learning. The project culminated in the creation of a digital repository on Instagram, where students' comic productions are published, promoting dialogue among school, community, and territory.

Keywords: History Teaching. Local History. Comic Books. Heritage Education. Public History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1 – ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA PÚBLICA E SIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL	8
1.1 VOZ ÀS COMUNIDADES: O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL COMO ESPAÇO PARA O DIÁLOGO REFLEXÃO SIGNIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO PELOS ESTUDANTES.....	8
1.2 DESVENDANDO O CABULA: FORTALECENDO A COMUNIDADE ATRAVÉS DE UMA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	11
1.2.1 CONSTRUINDO A SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA E DE PERTENCIMENTO: A HISTÓRIA DO QUILOMBO DO CABULA E O PROCESSO DE RESISTÊNCIA QUILOMBOLA.	14
1.2.2 CONSTRUINDO A SIGNIFICAÇÃO DE RESISTÊNCIA CULTURAL: O TERREIRO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ ENQUANTO PATRIMÔNIO E SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	17
1.2.3 CONSTRUINDO A SIGNIFICAÇÃO A MATA DO CASCÃO NO 19ºBC: REFLEXÃO SOBRE O PATRIMÔNIO NATURAL	20
1.3 A HISTÓRIA PÚBLICA E SEU SENTIDO PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.	23
CAPÍTULO 2 – CONEXÕES ENTRE A HISTÓRIA LOCAL E A PRODUÇÃO DE QUADRINHOS: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	27
2.1 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA	27
2.2 ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	34
2.3 UM OLHAR SOBRE COMO A HISTÓRIA PÚBLICA DIALOGA COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	39
CAPÍTULO 3 – ABORDAGEM METODOLÓGICA	42
3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA COLABORATIVA	43
3.2 ETAPAS DA PESQUISA	44

3.2.1 ETAPA 1: CO-SITUAÇÃO	45
3.2.2 ETAPA 2: CO-PRODUÇÃO	48
3.2.3 ETAPA 3: CO-CONSTRUÇÃO	52
3.3 O WEBSITE PIXTON COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	55
CAPÍTULO 4 – REPOSITÓRIO E PUBLICAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DA PÁGINA DE INSTAGRAM @DESCOBRINDO.OCABULA.....	63
4.1 DIÁLOGOS DA HISTÓRIA PÚBLICA E A REDE SOCIAL INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA	63
4.2 ANÁLISE DO FORMULÁRIO GOOGLE A PARTIR DA RESPOSTA DOS ESTUDANTES	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

A presente dissertação busca desenvolver, como solução mediadora de aprendizagem, um repositório de histórias em quadrinhos produzida por estudantes da Escola Estadual Visconde de Itaparica, localizado no bairro do Cabula em Salvador - Bahia, tendo como temas geradores¹: a resistência quilombola, a intolerância religiosa e a proteção do patrimônio natural, temas que fazem parte do contexto de vivência e, portanto, da concretude dos alunos. Portanto, é relevante abordar o ensino da história local ao explorar as mudanças e permanências na vivência dos indivíduos.

Partindo desse pressuposto, a dissertação problematiza a importância de se analisar a história do Cabula, no que concerne a temas como resistência quilombola, intolerância religiosa e reflexão sobre patrimônio natural. Como também busca entender a relevância de utilizar histórias em quadrinhos como meio de ensino para explorar esses temas específicos no contexto do ensino de história. Nesse sentido, os objetivos são: abordar a história do bairro do Cabula e seus patrimônios, dando ênfase aos temas geradores: intolerância religiosa, resistência quilombola e reflexão sobre o patrimônio natural; analisar as histórias em quadrinhos como meio de se potencializar a consciência histórica; produzir o repositório como local de armazenagem e divulgação das histórias em quadrinhos construídas pelos estudantes.

Diante dessa proposta, o objetivo geral desta pesquisa é produzir materiais didáticos que articulem a importância da história local como uma forma de se construir um aprendizado significativo para os estudantes, sendo esses o centro do processo não apenas visitando e conhecendo os espaços históricos do bairro, mas sim, produzindo o respectivo material, imprimindo seus pensamentos aliados ao conhecimento construídos acerca de sua própria localidade.

A proposta desta respectiva dissertação se encontra dentro da Linha de Pesquisa 3: Saberes Históricos em diferentes espaços de memória, pois busca desenvolver uma construção do conhecimento histórico externo ao ambiente escolar perpassando por locais que são comuns aos estudantes, mas que por questões curriculares não são abordados diretamente em seu ensino. Deste modo, o ponto central são as representações do passado

¹ O conceito de tema gerador se adequa ao sentido freiriano pois dialoga com a perspectiva de que o conhecimento deve ser construído a partir da experiência do indivíduo em sua comunidade e em seu grupo. Segundo Paulo Freire (1993) é importante que os aspectos envolvidos no cotidiano do indivíduo estejam presentes, seja o vocabulário, a visão de mundo e dentre outros fatores que façam parte da vida desta pessoa. Nesse sentido, tal conceito problematiza a troca de saberes por meio de uma proposta dialética entre os saberes empíricos e sistemáticos para que se possa chegar a um conhecimento crítico.

contextualizados a partir dos espaços públicos distintos do espaço escolar e a produção de saberes que fazem parte das experiências dos estudantes.

O colégio citado fica localizado na Rua Silveira Martins, s/n, ao lado do 19º Batalhão de Caçadores do Exército. Conta atualmente com 781 alunos matriculados de acordo com os dados da Secretaria de Educação, contemplados no Ensino Fundamental II. Os alunos são provenientes dos bairros entorno ao colégio como: Engomadeira, Mata Escura, Resgate, Arraial do Retiro e São Gonçalo do Retiro, vale pontuar que são localidades periféricas que reflete em uma variedade na realidade econômica, social e religiosa dos discentes.

Imagem 01 – Localização geográfica da Escola Estadual Visconde de Itaparica, da Mata do Cascão e do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá.



Fonte: <https://www.google.com/maps/@-12.9563645,38.4612155,1832m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>. Google Maps.

A ideia da pesquisa surgiu através de práticas desenvolvidas como professor há 4 anos no respectivo colégio, o uso das histórias em quadrinhos veio inicialmente de pesquisa na graduação e aplicação na escola, todavia, foi notável que mesmo tendo histórias produzidas de temas presentes na história universal, havia poucas temáticas que estivessem próximas da realidade do estudante. A História enquanto ciência detém de um papel relevante na formação do indivíduo, no entanto, ainda há uma herança do ensino de história linear, eurocêntrico focada em grandes personalidades que se encontra distante das vivências dos estudantes.

Partindo desse preceito, a proposta da solução mediadora de aprendizagem e encaminhamento metodológico tem por ênfase a construção de significado realizada pelo

aluno, no qual ele imerge no contexto histórico e cultural do seu bairro, analisa, produz e publica no formato da história em quadrinhos o aprendizado construído a partir de pesquisas, estudos e visitas técnicas guiadas.

Além das visitas técnicas, como um dos passos metodológicos, a proposta de pesquisa se configura em apresentar o contexto histórico e cultural do bairro, pois sabe-se que mesmo morando na localidade, poucos conhecem os espaços citados no trabalho e as problemáticas que envolvem tais espaços, portanto, para isso, é preciso que haja um olhar mais aprofundado para o bairro e suas dinâmicas, nessa perspectiva aqui se apresenta o contexto baseado na linha do design cognitivo, logo, de acordo com Matta (2020):

Contexto para a prática socioconstrutiva proposta é a adjacência informacional da cognição do sujeito e de seus processos mentais, um complexo de relações entre a cognição do sujeito e suas condições de existência complexas exteriores, que se desenvolveram historicamente e, necessariamente, precisam ser entendidas historicamente. (P. 312)

Nesse viés, a ideia de trabalhar os temas geradores e contribuir para a imersão dos estudantes na história do bairro parte da própria construção desse conhecimento da história local. O primeiro tema gerador está focado na história do quilombo do Cabula e o processo de resistência quilombola, para isso, a visita técnica será realizada através do Museu Virtual do Quilombo do Cabula, como uma forma de apresentar as origens do bairro estabelecendo as relações até os dias atuais e de como esse legado resiste através de práticas tradicionais, como o artesanato, música, dança e culinária.

O segundo tema gerador está voltado para o combate a intolerância religiosa, a visita técnica a ser realizada no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá: terreiro de candomblé tombado pelo IPHAN, sendo um espaço para conhecer e romper o preconceito vigente acerca das religiões de matriz africana.

O terceiro tema aborda A mata do cascão, localizada no 19º BC, espaço remanescente de mata atlântica, tendo um papel importante no que compete a preservação desse patrimônio natural e a reflexão sobre como esse espaço está sendo ameaçado pela pressão do mercado imobiliário.

Ao abordar esses três temas geradores o que se busca é a construção da conscientização acerca desses eixos no que compete a vida do estudante, por isso, o papel das visitas técnicas se faz importante, ao situar o aluno no contexto para que ele tenha as informações e material para construir sua própria história em quadrinho.

Em meio as dificuldades de aproximar a História das vivências dos estudantes é preciso que o docente busque ferramentas que possibilitem essa maior interação e construção

do conhecimento. Frequentemente, a história é apresentada como algo distante e fora da realidade dos alunos, tornando-se visível na prática em sala de aula a dificuldade de aproximar o que foi ensinado do presente. Essa construção de conhecimentos, realizada em conjunto com os estudantes, enfrenta um caminho cada vez mais dicotômico, onde os alunos não conseguem perceber o papel e a relevância da história em seu entorno.

Nesse contexto, a pesquisa se justifica ao tentar aproximar essa história através de uma abordagem local, onde os alunos reconhecem os patrimônios que pertencem à sua comunidade, a localidade onde vivem e que observam diariamente. A partir das produções em histórias em quadrinhos, os alunos podem expressar suas visões, experiências e significados atribuídos, reescrevendo a história de forma significativa e contextualizada. As Histórias em Quadrinhos possuem historicidade, têm diferentes significados e usos sociais em tempos diversos.

Dessa forma, podem tornar o aprendizado mais cativante e acessível para os alunos, ao mesmo tempo em que permitem uma maior diversidade de perspectivas e narrativas históricas. Nesse sentido, abordar a história local através dessa ferramenta após as visitas técnicas e a produção dos relatórios, permite que o próprio estudante compreenda o espaço onde vive e possa publicar seu aprendizado com os vários temas que implicam sua realidade.

CAPÍTULO 1 – ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA PÚBLICA E SIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL.

O primeiro capítulo desta dissertação contextualiza os três objetivos que se situam nessa pesquisa, sendo estes: o ensino de uma história local a partir dos patrimônios do bairro do Cabula. Inicialmente é apresentado o papel da ciência histórica como meio de se compreender o passado, tendo uma abordagem através da aprendizagem significativa indo defronte a uma aprendizagem mecânica e que não atinge de forma efetiva os estudos, como também o debate acerca dos conceitos de patrimônio histórico e educação patrimonial.

Em seguida, são discutidos: a formação do Quilombo do Cabula e seu papel no que se refere a identidade do bairro, a relevância do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá como espaço de manifestação religiosa e reduto da ancestralidade cultural do bairro e a Mata do Cascão do 19ºBC como ambiente natural ameaçado e que precisa de uma reflexão sobre a sua preservação. Porquanto, o propósito desta pesquisa é a construção de uma ação educativa que fomenta o debate de ideias e produção de saberes em torno dos olhares e vivências dos estudantes acerca do seu bairro.

1.1 VOZ ÀS COMUNIDADES: O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL COMO ESPAÇO PARA O DIÁLOGO REFLEXÃO SIGNIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO PELOS ESTUDANTES

O ensino da história não deve limitar-se à mera discussão de conteúdos e conceitos preestabelecidos. Uma abordagem eficaz e significativa implica na busca por uma proposta pedagógica de viés praxiológico dinâmico e que instiga a resolução de problemas a não visibilidade dos conhecimentos prévios que emergem do contexto concreto da vivência dos estudantes. De acordo com Moreira (2000) essa interação cognitiva entre os conhecimentos prévios e os novos, possibilitam que o estudante consiga aprimorar o seu conhecimento o tornando mais elaborado e conceituado.

A escola, como instituição fundamental, desempenha o papel crucial de possibilitar conhecimento de forma que os indivíduos estejam aptos a enfrentar as diversas questões que surgem em suas vidas. No âmbito da ciência histórica, cabe a ela introduzir um pensamento crítico e humanizado na vida dos alunos por meio do entendimento do passado.

De acordo com Bloch (2001), a disciplina histórica tem como função a compreensão das sociedades humanas por meio de uma abordagem interdisciplinar, destacando a diversidade de fontes através de outras ciências como a arqueologia e a sociologia, e

reconhecendo as experiências individuais como elementos essenciais da narrativa histórica. Esse pensamento vai em contraponto a dita história tradicional, que se preocupa apenas com eventos políticos e econômicos, sem considerar as particularidades e vivências dos indivíduos, sendo que ainda hoje, mesmo com avanços na historiografia e no ensino de história, essa perspectiva versada em datas ainda se mantém.

Observa-se, muitas vezes, um ensino que se resume a apresentar conceitos, palavras e datas que os estudantes memorizam e repetem mecanicamente, sem uma verdadeira reflexão ou compreensão do que está sendo ensinado. Em vez de estimular a capacidade de pensar criticamente, esse método reforça a abordagem mecânica do aprendizado, desconsiderando a importância de desenvolver uma compreensão profunda e reflexiva da história. “Dessa educação, resultariam personalidades passivas, aquiescentes, dogmáticas, intolerantes, autoritárias, inflexíveis e conservadoras que resistiriam à mudança para manter intacta a ilusão da certeza” (Moreira, 2000, p.3).

A ação descrita decorre da formação que muitos professores de história possuem, ou seja, uma formação na qual se concebe uma narrativa monológica, uma história explicativa, na qual o docente se coloca como centro e todo o seu conhecimento deve ser absorvido passivamente pelo aluno. Conforme Pinheiro (2006), tal perspectiva pode ser problemática, pois faz com que o docente não reconheça seu aluno como um ser dotado de vontade e inteligência, impedindo a existência de diálogo e a construção de um conhecimento mais efetivo.

Nas aulas de História, é crucial que o aluno, como indivíduo, participe ativamente, estabelecendo uma relação de diálogo, de modo que o conhecimento debatido faça sentido em sua vida, evitando que o estudo se torne meramente uma erudição por erudição. Portanto, é crucial repensar a abordagem educacional, buscando estratégias que promovam a construção de conhecimento e a aplicação prática dos conceitos históricos na vida dos estudantes. Por isso se reforça o uso da aprendizagem significativa em oposto a aprendizagem mecânica, pois como cita Moreira e Palmer acerca do que compreende esse conceito, ambos afirmam:

“[...] aprendizagem significativa é aprendizagem com significado, compreensão, sentido, capacidade de transferência; oposta à aprendizagem mecânica, puramente memorística, sem significado, sem entendimento; dependente essencialmente do conhecimento prévio do aprendiz, da relevância do novo conhecimento e de sua predisposição para aprender. Essa predisposição implica uma intencionalidade da parte de quem aprende. Esta, por sua vez, depende da relevância que o aprendiz atribui ao novo conhecimento” (Moreira e Palmero, 2008, p. 28).

Romper com esse modelo de ensino que é perpassado desde o ensino fundamental até o médio não é uma tarefa fácil, o ato de ensinar História se defronta com uma série de

questões que envolvem os saberes do aluno, o currículo escolar, os modelos de avaliação e, principalmente, do porquê estudar tal ciência, para isso é primordial que o docente em sua prática estabeleça as relações entre passado e presente que instiguem o discente a refletir, analisar, discutir e problematizar. Todavia, o que se encontra hoje é um ensino de história distante da realidade e das vivências dos estudantes. Acerca disso, pontua Bittencourt:

Um primeiro desafio para quem ensina história parece ser a explicitação da razão de ser disciplina, buscando atender aos anseios de jovens que arditosamente fazem perguntas aparentemente inocentes, como entre "Por que estudar História? Por que o passado, se o importante é o presente?" (Bittencourt, 2008, p. 11)

Nesse contexto, o professor de história não apenas possui o conhecimento e os recursos para compreender a relevância dessa ciência na construção do saber de seus alunos, mas é igualmente crucial construir ativamente esse conhecimento, permitindo que os alunos reconheçam o papel fundamental da História em sua formação como indivíduos. A partir da observação anterior, torna-se evidente que muitos alunos têm dificuldade em estabelecer conexões entre o passado e o presente, desvalorizando o passado por falta de vínculo com suas experiências cotidianas. Essa questão suscita reflexões, questionamentos e debates sobre a abordagem geral da disciplina na educação.

Diante desse desafio, o objetivo desta pesquisa não se restringe a uma abordagem histórica abrangente, mas visa explorar, a partir de uma perspectiva local, as problemáticas, conceitos e visões de mundo que estão mais próximos da realidade do aluno. Mesmo nesse enfoque local, é importante ressaltar que existem temáticas com caráter universal e atemporal, proporcionando uma abordagem mais integrada e significativa à compreensão histórica. Mediante ao que foi exposto, afirma Assis:

Abordando a História local, os alunos passam a compreender que a realidade histórica de sua localidade não está isolada no mundo, mas é parte do processo histórico deste. Aprendem a valorizar as múltiplas identidades culturais e sociais as quais estão expostos, respeitando-as. O não ensino da história local acaba por induzir os alunos das camadas mais populares a pensar que não possuem história digna de valor, que apenas os nomes de vulto merecem ser registrados na história e eles não. (Assis, 2013, p. 5-6)

Ao abordar a história local com esse enfoque, é crucial enfatizar a importância da localidade, da cultura do espaço e das pessoas do bairro, destacando que elas também contribuem significativamente para a construção da história. Podemos aprender com essas contribuições, verificando, analisando e interpretando o conhecimento histórico proporcionado por esses grupos.

Assim, ao trabalhar a história local sob essa perspectiva, o aluno desenvolve uma visão mais próxima do que vivencia no cotidiano, permitindo estabelecer uma relação

dialógica mais efetiva com o passado e com a própria comunidade. Pois, como afirma Paim e Picolli:

O ensino da história local trata das especificidades das localidades, tem uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais. (Paim e Picolli, 2007).

A citação dialoga com a ideia da pesquisa, que está associada a explorar a localidade sem desvincular do pensamento geral ou universal. Em outras palavras, como mencionado na introdução, foram abordados três temas geradores: resistência quilombola, intolerância religiosa e reflexão sobre o patrimônio natural. Embora o enfoque seja no bairro do Cabula, destacando locais comuns aos estudantes, são temas passíveis de exploração por todos os alunos, independentemente da região em que vivem.

Ao considerar, por exemplo, a resistência quilombola, buscou-se refletir sobre a afrocentricidade e a herança negra, e como essa resistência perdura até os dias atuais. No âmbito do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá foi abordado a sua relevância e seu papel histórico enquanto patrimônio religioso, assim como, os desafios e obstáculos que as religiões de matriz africana enfrentam diante do preconceito, racismo e intolerância.

A reflexão sobre o patrimônio natural não está tão distante, uma vez que não podemos pensar em nossa sociedade e no futuro sem abordar o impacto do aquecimento global, a perda de matas nativas e a importância da preservação não apenas para a questão ambiental, mas também em um viés socioeconômico. Conforme discutiremos na sequência, inicialmente o surgimento desse espaço enquanto quilombo e como este reflete sua historicidade até os dias atuais.

1.2 DESVENDANDO O CABULA: FORTALECENDO A COMUNIDADE ATRAVÉS DE UMA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O conceito de patrimônio, por muito tempo, foi entendido como apenas uma herança de bens históricos e uma perspectiva material: mansões, artefatos, arquivos. Elementos que possuem características históricas e que foram preservados por serem fragmentos do passado, todavia esse conceito de patrimônio histórico é muito mais amplo. Segundo Martins (2022) o conceito de patrimônio histórico é polissêmico, pois aponta concepções que vem de perspectivas históricas diferentes, no início do século passado tal conceito era pensado a partir do Serviço Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), fundado em 1937 que situa o patrimônio como “fatos memoráveis” da história brasileira, entretanto, esse conceito é

excludente pois a definição desses fatos detêm de uma herança tradicional e positivista ao selecionar momentos e objetos específicos de uma classe, cor, gênero e raça.

Não obstante, é esclarecido em uma perspectiva mais atual que além dos objetos físicos são importante também as expressões de uma perspectiva cultural, não sendo só algo material e físico, como também algo imaterial: na fala, nos costumes, na religiosidade, nas manifestações e no espaço onde os indivíduos vivem. Partindo desses conceitos, a historiografia atual compreende o conceito de patrimônio em uma amplitude maior ao conceber o conceito de patrimônio cultural, pois tal conceito englobam os elementos que constituem um valor histórico a sociedade que estes se inserem, acerca desse pressuposto, afirma Silva:

“Essa noção, por sua vez, é mais ampla, abarcando não só a herança histórica, mas também a ecológica de uma região. Assim, em última instância, podemos definir patrimônio cultural (incluindo nessa ideia a de patrimônio histórico) como o complexo de monumentos, conjuntos arquitetônicos, sítios históricos e parques nacionais de determinado país ou região que possui valor histórico e artístico e compõem um determinado entorno ambiental de valor patrimonial” (Silva, 2009. p. 324)

Vale apontar que a visão dessa noção de patrimônio corrobora com a perspectiva desse trabalho ao possibilitar uma análise do bairro como um todo, assim como, os patrimônios presentes na região do Cabula, sendo eles diversos, multiculturais e atemporais. O trabalho retrata primeiramente o Quilombo do Cabula em sua historicidade, mas também pensa nesse legado do Quilombo nos dias atuais, entendendo-o como um quilombo urbano. Também analisa a relevância não só religiosa, mas histórica e sociocultural do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, como forma de compreender esse espaço enquanto patrimônio. Há também a questão do próprio patrimônio natural, que se encontra em um reduto de Mata Atlântica e que está ameaçada em termos de flora e fauna, mas ainda assim é preservada pelo 19º Batalhão de Caçadores do Exército, sendo bastante presente e notável na região do Cabula.

Logo, esses três se configuram como patrimônios culturais do bairro, sendo o próprio espaço entendido como um quilombo urbano, o terreiro Ilê Axé Opô Afonjá como local de manifestação religiosa e a mata do cascão como reduto de proteção ambiental. De acordo com o que a Constituição Federal de 1988, no artigo 216, pontua que: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Como é citado no artigo, as manifestações que se consideram patrimônios devem fazer parte da referência, identidade, ação ou memória de grupos que fazem ou fizeram parte da formação da sociedade brasileira, por mais que a

população negra tenha sido discriminada e tenha havido a tentativa de anular sua contribuição para o espaço social, não há como desvincular o seu papel na construção da identidade nacional.

Ainda citando a lei, os incisos “**I** - as formas de expressão;”, “**II** - os modos de criar, fazer e viver;” e o “**III** - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;” reafirmam a proposta de valorização da história do bairro a partir das heranças da comunidade, como a culinária, o artesanato, a dança e o conhecimento no trato de ervas medicinais. E nesse contexto, surge a busca pela manutenção dessa herança a partir do ETBCES (Encontro de turismo de base comunitária e economia solidária) como projeto de extensão universitário promovido pela Universidade do Estado da Bahia, que se localiza no próprio bairro para a divulgação e preservação da história e das manifestações culturais do local. Já o terreiro religioso, quanto à mata do cascão, também é abarcado pelo mesmo artigo nos incisos “**IV** - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;” e o “**V** - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”. Ambos coincidem com o entendimento de como as produções e os espaços de manifestações culturais se enquadram nesta perspectiva de patrimônio; Acerca do que foi explanado, corrobora a UNESCO:

De acordo com a classificação da UNESCO, o Patrimônio Cultural é composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico. Incluem obras de arquitetura, escultura e pintura monumentais ou de caráter arqueológico, e, ainda, obras isoladas ou conjugadas do homem e da natureza. São denominadas Patrimônio Natural as formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, *habitats* de espécies animais e vegetais ameaçadas e áreas que tenham valor científico, de conservação ou estético excepcional e universal. (IPHAN, 2016, s/p)

Partindo desse olhar, o intuito da pesquisa é aproximar em um viés histórico a importância que tais espaços detêm na construção da identidade do bairro, na preservação ambiental e no combate a intolerância religiosa e claro, apresentar o local onde os estudantes vivem com um diferente olhar ressignificando a visão e o papel destes patrimônios. Portanto, além do debate acerca dos significados e conceitos do que é o patrimônio histórico se faz importante também discutir a forma de abordá-los e ensiná-los, nesse sentido, a pesquisa se utiliza do conceito de educação patrimonial como caminho para orientar e promover tal debate. Assim como o conceito de patrimônio histórico por muito tempo se delimitou a uma delimitação de um grupo específico em um caráter tradicional e elitista, também o conceito de educação patrimonial foi situado nesse mesmo âmbito.

De todo o modo, o termo educação patrimonial carrega o peso da abordagem institucional, historicamente elitista, centrada em bens materiais e relacionada aos

fatos de uma determinada memória nacional. Hoje, entendemos como fundamental a reflexão a respeito da relação patrimonial com foco no sujeito ao mesmo tempo produto e produtor de cultura. (Possamai, 2014, p. 14)

Ao colocar o sujeito como produto e produtor de cultura, a educação patrimonial busca então evidenciar práticas, manifestações e vivências culturais de grupos que foram marginalizados pela história tradicional, são saberes ancestrais, cultos religiosos, formas de trabalho e dentre outros conhecimentos que representam a identidade de um grupo. Portanto, para além de enxergar tais grupos que foram deixados de lado pela historiografia tradicional, é fundamental sua participação nesses processos educativos que entornam e constroem o patrimônio histórico, pois é esta colaboração que dá sentido e um aprofundamento das relações entre os significados, identidades e conhecimentos de tal patrimônio histórico. De acordo com Gil e Possamai (2014) a educação patrimonial se torna um ativo importante na preservação do patrimônio cultural ao promover um trabalho transversal, ao envolver a comunidade, demonstrando que além do arquiteto, historiador e sociólogo, é de importância vital o papel das pessoas que vivenciam no espaço no qual o patrimônio se insere.

De acordo com Halbwachs (1990) Nem tudo o que aconteceu no passado pode ser conservado, por isso, a sociedade elege os bens culturais que mais a representam para compor seu patrimônio cultural. Esses bens pertencem ao território da memória social ou coletiva, e servem como símbolos da identidade e da história de um povo. Partindo dos pressupostos abordados, a elucidação sobre o conceito de patrimônio perpassando do histórico ao cultural e delimitando os respectivos espaços de memória coletiva possibilitam uma melhor compreensão para a relação entre indivíduos e o espaço onde vivem. Não obstante, trabalharemos a seguir uma breve reflexão sobre os temas geradores que se configuram como elementos presentes no contexto de vivência e ancestralidade dos estudantes.

1.2.1 CONSTRUINDO A SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA E DE PERTENCIMENTO: A HISTÓRIA DO QUILOMBO DO CABULA E O PROCESSO DE RESISTÊNCIA QUILOMBOLA.

O Cabula é um bairro situado no centro urbano de Salvador, no qual se encontra a Escola Estadual Visconde de Itaparica e também os patrimônios culturais que serão abordados no contexto dessa pesquisa. Portanto, é importante abordar o processo histórico de formação do bairro do Cabula como um espaço quilombola. Para isso, é preciso pensar a influência da cultura negra nos âmbitos religiosos, culturais e territoriais que influenciaram e influenciam até hoje o local.

Partindo de uma formação nacional brasileira, sabemos que os povos originários sempre fizeram parte da base da construção da nação brasileira. Logo, os primeiros habitantes eram povos nativos em sua maioria da etnia Tupi-Guarani. No final do século XVI, os primeiros ancestrais africanos de origem banto chegaram à Bahia, Salvador, eles foram trazidos nos navios tumbeiros e, ao longo do século XVII, foram espalhados pela lavoura da cana-de-açúcar do Recôncavo e nas aldeias da cidade. Segundo Nicolin (2014), esses povos eram oriundos do império Congo e do reino Ndongo, como os bacongos e os ambundos. Muitos deles se rebelaram e formaram, nas matas de Salvador, como no Cabula, territórios de quilombos.

De acordo com Nicolin (2014), a localização geográfica do Cabula, constituída por uma mata fechada, muito intensa até as cinco primeiras décadas do século XX, pode ter sido um fator favorável à formação de quilombos na região. O isolamento do local e a mata densa ofereciam condições favoráveis para a sobrevivência e a organização de comunidades autônomas dos grupos negros escravizados. Partindo desse princípio, tinham meios de sobreviver dentro desse espaço, ficando não tão distante da cidade de Salvador, fazendo com que esse quilombo por ficar situado em morro, tivesse alguma posição favorável geograficamente.

De acordo com Nascimento (1989) e Costa (1989), a origem do termo "Cabula" é de origem banto, que corresponde aos primeiros ancestrais que vieram à Bahia, sendo este a representação de uma nomenclatura feminina "Kabula". "A etnolinguista Yeda Pessoa de Castro detalha o significado do termo, informando que o Cabula - "Kimbula" - é o toque para Obaluaê e Besseim em Angola (CASTRO, 2005), ratificando também a ideia que faz menção a ritmo religioso de matriz africana".

Para Martins (2017), a formação dos primeiros arraiais e do Quilombo estão totalmente ligados a um processo de segregação social. Vale ressaltar que boa parte da população que formou o que conhecemos hoje como território do Cabula são os povos africanos de origem Congo e Angola. Ao serem trazidos em situação de escravidão para o território baiano para serem comercializados ou trabalharem nas lavouras de cana-de-açúcar, em meio as tentativas de resistência, se refugiavam nessas matas, no qual a elite não tinha pleno domínio e controle. O Cabula era pouco frequentado por habitantes pertencentes à classe hegemônica da cidade e da freguesia a qual pertencia. Era, provavelmente, local de ocupação de brancos pobres, que construíram suas roças ou lavouras de subsistência, negros libertos, que muitas vezes acoitavam negros fugidos da escravidão e, como já citado, dos próprios cativos escravizados que se refugiavam no quilombo. Sendo ocupado então pelas

camadas mais pobres da cidade de Salvador, a cerca de 5 km no primeiro centro urbanizado da cidade de Salvador, num local onde havia colinas e montes elevados, tendo uma mata Atlântica fechada, fatores geográficos propícios para a fuga e a própria proteção do Quilombo.

De acordo com a documentação, no início do século XVIII, vai ocorrer uma tentativa de desarticular o quilombo. Essa tentativa será promovida pelo conde da Ponte, em que ao fazer incursões, o quilombo vai ser desmembrado, fazendo com que ele volte ao antigo domínio da nobreza da família de Niza, que tinha um controle senhorial, ainda que à distância. Mas, ainda assim, vai haver próximo da região negros cativos, fugitivos e indígenas que vão tentar manter esse processo de resistência.

Assim como Reis (2003) cita, a atuação dos negros vai ser mantida tanto na região do Sítio do Saboeiro quanto da Mata Escura, tendo participação em eventos como a própria independência da Bahia ao entrarem em conflito com as tropas brasileiras, e os constantes exemplos de elementos do candomblé, como: “búzios, chocalhos, atabaques, estatuetas de vacas pintadas de encarnado e um chapéu encarnado com três plumas”, como também de referências aos cultos citados como “batuques” na localidade do Resgate.

Mesmo após tentativas de desarticular os quilombos que existiram na área, sabe-se que da metade do século XIX até o início do século XX, no território vai ter a continuidade do povoamento, chegando às famosas chácaras de laranja. A partir desse momento, elas vão se vincular a formação do bairro, entretanto, a partir da década de 40 e 50 uma praga devasta as plantações, mudando o modo de uso do solo da localidade.

A construção desse apanhado histórico do bairro dialoga com a proposta do trabalho ao apresentar a formação da localidade que os alunos fazem parte, de modo que eles possam compreender as razões da maior parte da população da região ser negra, da quantidade de terreiros e oferendas nas ruas e, principalmente, do papel exercido pelas pessoas no processo de resistir e manter os aspectos culturais, a exemplo do turismo de base comunitária do Cabula. Para isso, é importante que se compreenda não só a historicidade do quilombo do Cabula, mas também o compreendendo como um quilombo urbano. De acordo com Breno Freitas e Flávio Mota (2014), a presença de elementos identitários podem ser considerados para compreender o bairro do Cabula enquanto quilombo urbano, pois corresponde a um local étnico-racial que em sua história foi ocupado por remanescente e descendentes dos quilombos rurais, ao se formar, precisaram resistir a escravidão, à pós-abolição e todo o processo de exclusão, racismo, preconceito, marginalização ao mesmo tempo que buscaram preservar sua identidade cultural. Ou seja, o espaço pode ser definido como um quilombo urbano, mas para

seu reconhecimento legal é preciso que a comunidade se reconheça e busque os órgãos federativos para sua efetivação jurídica enquanto território quilombola.

1.2.2 CONSTRUINDO A SIGNIFICAÇÃO DE RESISTÊNCIA CULTURAL: O TERREIRO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ ENQUANTO PATRIMÔNIO E SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.

O Ilê Axé Opô Afonjá, fundado em 1910 por Mãe Aninha, é um dos terreiros de candomblé mais tradicionais e influentes da Bahia. Sua história está diretamente ligada ao processo de resistência pela preservação da cultura afro-brasileira e à luta contra a intolerância religiosa e o racismo. Mãe Aninha, nascida Eugênia Anna dos Santos, em 1867, era filha de ex-escravos e iniciou sua trajetória no candomblé no Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. Em 1910, após divergências com a liderança do terreiro, ela fundou o Ilê Axé Opô Afonjá, que significa "Casa da Força sustentada por Xangô". Segundo o IPHAN (2024), terreiro está situado em São Gonçalo do Retiro, em Salvador, e possui uma estrutura que inclui o barracão principal, onde são realizados os rituais, além de outros espaços como o Axé Oxumarê, dedicado ao orixá Oxumarê, e o Axé Obatalá, dedicado ao orixá Obatalá.

De acordo com Mãe Stella de Oxóssi (2016), um dos motivos do terreiro não ter sido alvo de ataques e destruição foi devido a uma série de questões: No início, Mãe Aninha permitia um sincretismo religioso com o catolicismo, fazendo com que não houvesse uma perseguição maior à localização do terreiro, pois na época se encontrava afastada do centro de Salvador e os contatos com autoridades e políticos que buscavam apoio da comunidade e influência do terreiro.

O Ilê Axé Opô Afonjá é conhecido por sua tradição litúrgica rigorosa, pela beleza de seus cantos e danças e pela força de seus orixás. O terreiro também se destaca por sua atuação na comunidade, promovendo ações sociais e educativas. Após a morte de Mãe Aninha em 1938, o terreiro foi liderado por Mãe Senhora, seguida por Mãe Ondina. Desde 1976, a liderança estava sobre a responsabilidade de Mãe Stella de Oxóssi, marcando toda uma geração vindoura, após sua morte em 2018, por Ana de Xangô que atualmente lidera o terreiro.

A obra "História de um Terreiro Nagô", escrito por Deoscóredes Maximiliano dos Santos, mais conhecido como Mestre Didi, é uma obra importante para a compreensão da cultura afro-brasileira e do candomblé. Publicada em 1962, a obra narra a história do Ilê Axé Opô Afonjá. Nesta obra são notáveis as características da origem do candomblé no território africano, demonstrando as influências religiosas dos povos Fon e Iorubá, além do processo

histórico da formação do terreiro ao destacar as dificuldades, conquistas e os desafios da comunidade para a manutenção desse espaço religioso, como também sobre o cotidiano ao abordar as danças, cantigas, comidas, trajes, rituais, instrumentos musicais e a hierarquia do terreiro.

Um fato abordado na obra do Mestre Didi é a visão que estes detêm do papel da cultura africana como um elemento primordial maior que a materialidade, pois para o autor, a preservação cultural da religiosidade foi um dos resquícios da resistência dos povos escravizados mediante a opressão sofrida por uma elite branca e católica, que a todo custo buscava apagar os traços oriundos de origem desses povos. Em um de seus relatos Mestre Didi aponta:

Hoje nós vos recebemos como hospedes e amigos, fraternalmente. Abrimos as portas do nosso mistério à vossa curiosidade, que esperamos sã e compreensiva. Mas, em nossa dolorida e trabalhada memória, sofrida de horrores, guardamos a lembrança dos tempos de opressão, quando vossos ancestrais – nossos opressores de então – quiseram roubar nossa riqueza maior, os bens de cultura que possuíamos, para impor-nos outros amores impossíveis. (Santos, 1962, p. 64)

Ainda que sob a intensa pressão, tortura e sofrimento que a população escravizada enfrentava no Brasil, as divindades do continente africano, principalmente das regiões da Costa do Marfim, Congo, Angola e dentre outras, ocuparam um papel fundamental na história baiana. É crucial analisarmos o papel dos terreiros, tanto no Recôncavo Baiano quanto na capital, na preservação e manutenção dos elementos culturais africanos. Em um contexto de sincretismo religioso, muitas vezes imposto como forma de resistência à opressão, os terreiros enfrentaram diversos desafios, como a intolerância religiosa e a repressão policial. Como bem coloca o Mestre Didi, a liberdade de culto não foi um presente, mas sim resultado da luta e resistência dos povos afro-brasileiros, resistência esta que ainda marcava não só na mente, mas como na pele daqueles pelo qual lutaram pela liberdade de proferir e adorar sua religião. Acerca disto, demonstra Mestre Didi:

Há poucos anos, eu vi as costas do pai Procópio, de sagrada memória, marcadas com as chicotadas de uma política que não parecia compreender que no Brasil há liberdade de culto e que cada um tem o direito de saudar os seus deuses. São tempos ainda próximos mas que jamais voltarão, pois na sua volta não consetiremos. Com a mesma consciência inflexível e invencível com que os escravos de ontem soubera preservar sua cultura contra a opressão colonial, e souberam guardar para nós essa cultura, envolta em sangue e heroísmo. Eis porque vos peço respeito, o respeito que se deve à grandeza humana, à vitória do fraco sobre o forte, da liberdade sobre a opressão; E humildade antes esse povo pobre, violentado e agredido, que soube guardar a cultura, preservar a dança, o canto, fazendo do amor sua fortaleza, vencendo o irracional dos conquistadores como feras sedentas. (Santos, 1988, p. 53)

A relação entre o relato do Mestre Didi se relaciona com o papel de resistência desempenhado pelo quilombo do cabula, pois de acordo com Nicolin (2001), a relação entre o

Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá e o Quilombo do Cabula é complexa e rica em simbolismo. A finada Iyalaxé Aninha, renomada sacerdotisa suprema do terreiro, escolheu as imediações do Cabula para fundar a comunidade. Essa escolha não foi por acaso: o local era considerado sagrado por carregar a memória da resistência afro-brasileira.

Para a população afrodescendente, o Quilombo do Cabula representava um marco de identidade cultural e liberdade. Ao recriar comunidades tradicionais africanas no local, o Ilê Axé Opô Afonjá contribuiu para a preservação dessa memória e para o fortalecimento da cultura afro-brasileira. Vale pontuar que a escolha simbólica do espaço sinaliza a profunda conexão entre a história de resistência do Quilombo do Cabula e o Ilê Axé Opô Afonjá, pois o território que corresponde ao atual São Gonçalo do Retiro fazia parte da área do quilombo.

Em 2000, o Ilê Axé Opô Afonjá foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural brasileiro. O tombamento é um dos mecanismos de educação, preservação e principalmente de responsabilidade social, pois confere ao patrimônio em questão a sua valorização devida e a manutenção desse espaço que contribui para o processo histórico e formativo do país.

O tombamento em 28 de julho de 2000 garantiu a continuação do terreiro no local, impede que as construções sejam demolidas, atribui valor simbólico e inclui o terreiro no rol do que é considerado patrimônio e que deve ser preservado para as próximas gerações. Além disso, possibilita a realização de intervenções para garantir sua integridade utilizando recursos públicos. No caso dos terreiros, a preservação ultrapassa a materialidade — de suma importância —, pois permite que rituais e celebrações sejam realizados e perpetuados. – (IPHAN, 2008, s/p)

A partir de construção elucidada, é visível como o terreiro é um símbolo da cultura afro-brasileira e da resistência do povo negro no Brasil, pois preserva um legado que teve uma série de tentativas de apagamentos e que até hoje, mesmo com os avanços, sofre e ainda resiste contra o preconceito e a intolerância religiosa. A patrimonialização do terreiro pressupõe também o entendimento desse espaço em um âmbito contínuo de pessoas que através dos relatos, rituais e ensinamentos foram passados de geração em geração, tal modo de ensinar dialoga com a forma que o conhecimento é construído dentro do Candomblé, acerca disso afirma Cláudio de Jesus Santos (2019):

Constituído como um patrimônio vivo e em constante dinâmica, o que se deseja preservar não é exatamente apenas o bem imóvel, mas todo um conjunto composto por um arquivo humano que detém conhecimentos tradicionais de uma religião que tem como base a transmissão oral. Essa preocupação sempre foi constante dentro do Candomblé. A preservação da memória vem junto com a evocação da ancestralidade, da energia que nos define. (Santos, 2019, p. 72)

Considerando essa pressuma, pode ser compreendido a patrimonialização do terreiro como um processo de valorização contínua dos saberes, desse modo, o ato de tomar

enquanto patrimônio não é uma conclusão dessa valorização, mas um processo contínuo de preservação de uma identidade religiosa que foi e ainda é construída pelas pessoas que fazem parte desse espaço.

Desde a fundação do terreiro por Mãe Aninha, sendo seguida por Mãe Stella, buscava fundar um alicerce educacional para a continuidade dos saberes ali compartilhados, tendo assim a fundação da Escola Municipal Eugenia Anna dos Santos fundado em 1992, tendo como intuito propor uma educação não só formal, como também de valorização da identidade negra e religiosa. Segundo Santos (2010), a escola é fruto da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Salvador e a comunidade do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, esse projeto se baseia na perspectiva educacional Irê Ayó, que enfatiza o uso de mitos africanos no processo de aprendizagem e ensino das crianças, proposta escolar que antecede a Lei 10.639 “[...] para tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares do ensino fundamental e médio, tanto em instituições públicas quanto privadas.”(BRASI, 2003, s/p). A escola é uma continuidade da luta encabeçada pelas babaolorixas que viam a educação como uma forma de alcançar uma promoção da igualdade racial e a valorização das religiões de matriz africana.

Não devemos então, encarar o tombamento apenas como um ato político que veio de cima para baixo e de fora para dentro das comunidades, ou seja, respectivamente do Estado e da elite intelectual e acadêmica que sempre são colocados como os que beneficiaram os que estavam a margem do poder. Nesse contexto torna-se importante falar dos Terreiros de Candomblé e da sua importância enquanto espaços legitimadores de um poder simbólico capaz de mobilizar e de estruturar sem utilizar a força ou violência física. (Santos, 2019, p. 101)

Nesse sentido, a aprendizagem não se delimita apenas em uma questão impositiva do tombamento do terreiro como patrimônio, como também, através da compreensão de como esse espaço religioso corrobora com o pensamento de que é possível valorizar os saberes produzidos nesse espaço, reconhecer as contribuições históricas e combater a discriminação contra as religiões de matrizes africanas a partir da educação e conscientização, por isso, se faz importante que os estudantes conheçam o espaço e reflitam sobre a multiplicidade de opiniões e pensamentos.

1.2.3 CONSTRUINDO A SIGNIFICAÇÃO A MATA DO CASCÃO NO 19ºBC: REFLEXÃO SOBRE O PATRIMÔNIO NATURAL

Ao vislumbrar geograficamente, o Cabula abriga vários outros bairros, desde o Cabula I até o Cabula VI, além de outros como Resgate, Saboeiro, Doron, Engomadeira,

Narandiba, entre outros. É importante ressaltar o papel que esse espaço natural teve na formação do Quilombo do Cabula. Por ser um local mais afastado e com mata fechada, o Quilombo garantia uma proteção ao espaço, impedindo sua destruição. Com o passar dos anos e a chegada do 19º Batalhão de caçadores (19ºBC), órgão de formação e treinamento do Exército Brasileiro vai ser instalado um quartel na região, essa ocupação militar contribuiu para a delimitação e preservação desse espaço nativo de Mata Atlântica.

Sobre os estudos referentes ao campo da História Ambiental, é visível que mesmo que os avanços teóricos no século XX e um novo paradigma de ciência, ainda há uma visão de que a cultura e a natureza devem estar separadas ao serem analisadas, de modo que a ciência histórica é uma ciência dos seres humanos e não teria base ou fundamentação para produzir uma escrita sobre a natureza. Segundo Carvalho (2010), a Educação Ambiental tem sido tradicionalmente associada às áreas de Geografia e Biologia. Não por acaso, são geralmente os professores dessas disciplinas os principais responsáveis pela organização das atividades de Educação Ambiental nas escolas. Além disso, são essas áreas do conhecimento que hoje fundamentam os paradigmas transdisciplinares predominantes nos estudos sobre as relações entre sociedade e natureza.

A compreensão da História Ambiental vai no entendimento das interações entre as sociedades humanas e o meio ambiente, como a produção de saberes, as transformações culturais associadas aos espaços, exploração dos recursos e a ocupação. Com isso, debater e problematizar os aspectos ambientais a partir de um olhar histórico contribui em uma formação que busque analisar as mudanças e permanências do espaço, e como essas transformações do meio ambiente afetaram e afetam a sociedade hoje.

Sabemos que todas as dimensões da nossa economia de recursos naturais estão articuladas. Não podemos mais adiar um conhecimento histórico mais consistente de cada uma dessas dimensões. É minha opinião que a história ambiental pode dar uma contribuição decisiva para entendermos o nosso passado e o nosso presente de país rico em recursos naturais e assolado por dívidas sociais. (Drummond, 1991, p. 196)

Como já abordado, a história do Cabula está ligada diretamente a natureza ao seu redor, foram as suas características que de certa forma moldaram a localização e vivência do quilombo do Cabula e no processo de urbanização ocorreram transformações com os laranjais e o crescimento imobiliário que tem se tornado uma ameaça aos redutos de mata nativa do bairro. De acordo com Nicolin (2001), o bairro do Cabula se situa em uma região alta de morro, tendo topografia acintecada e declives acentuados. Mesmo com os avanços da destruição da natureza, a partir dos séculos passados, ainda é possível ver uma grande reserva de Mata Atlântica no local. Além disso, há ruas, ladeiras, baixadas, caminhos e pontos que

separam vários desses elementos geográficos, bastante visíveis no território. Com a abertura da rua Silveira Martins, que tornou-se um importante trajeto viário e até hoje é a via principal da região, ocorre então uma conexão entre o miolo e o restante da cidade. A conexão vai abrir as possibilidades para as primeiras unidades habitacionais que vão ser construídas a partir de alguns anos, ocasionando aí duas questões: Segundo Pena (2010): A primeira vai ser a formação imobiliária formal, então nos conjuntos habitacionais que vão ser construídos, assim como a produção imobiliária informal, já que atraiu para as áreas um pouco mais remotas, de difícil acesso, mais vulneráveis, “grupo social de pessoas excluídas” que não detinham das condições financeiras suficientes e acabaram por se estabelecer nas áreas que não interessavam ao mercado ou que estavam localizadas em ambientes de risco. Acerca disto, afirma Pena:

Se até os anos 1950 a área era caracterizada pelas extensas chácaras e forte presença de vegetação, a expansão experimentada a partir dos anos 1970 foi responsável pela diminuição da área verde no Cabula. A pressão sobre o meio ambiente natural nesse bairro é feita não apenas pelo mercado imobiliário formal e pela especulação imobiliária, mas também pelo crescimento do tecido urbano informal que, pouco a pouco, avança em direção a áreas ainda não edificadas e com cobertura vegetal (Lima, Pena e Falcão, 2020, p. 6)

O processo de urbanização do bairro, seja em um viés formal ou informal, aos poucos diminuiu a presença da mata nativa no local; vale salientar que a vegetação natural contribui na qualidade do ar, conforto térmico, é o habitat da biodiversidade, ou seja, preservar este espaço é preservar a vida daqueles que vivem em seu entorno. Segundo LEFF (2001), a maior problemática da atualidade é a crise ambiental. Os danos causados implicam em questões e debates sobre o direcionamento das novas gerações que já sentem os efeitos causados com as crises climáticas devidas aos desequilíbrios ecológicos, a desigualdade social, índices de pobreza e a perda da biodiversidade. Portanto, em virtude dos argumentos utilizados é essencial que haja uma mobilização envolta da importância desse reduto de mata atlântica e uma promoção da necessidade de conservação desse espaço de mata atlântica nativa.

A partir do mapa abaixo, pode ser compreendido a importância de se preservar o espaço natural, pois ao contornar o cabula enquanto bairro, é notório como a presença da mata nativa contempla o bairro inteiro, por mais que a maior parte esteja presente dentro do espaço militar, há vários fragmentos da mata nativa em meio ao tecido urbano que, aos poucos, vai se deteriorando em virtude do avanço imobiliário. De acordo com Santos apud Pena (2010), a expansão imobiliária no Cabula ocasionou uma diminuição expressiva das áreas verdes entre 1959 e 2006. Em sua análise, os autores conseguiram identificar que em 1959 a área verde no Cabula correspondia a 3,16 km² de vegetação densa, já em 2006 a área verde representava

apenas 1,97 km², ou seja, uma área de 1,19 km² de resquício de Mata Atlântica tornou-se ambiente construído.

Na contemporaneidade, diante da escassez de áreas verdes nas grandes cidades e da intensa poluição do ar, cresce a busca dos consumidores por imóveis que prometem um novo estilo de vida mais saudável, com ar puro e afastado da poluição. Como resultado, os imóveis localizados próximos ou inseridos nas poucas áreas verdes urbanas tornam-se mais valorizados. Em alguns casos, chega-se até a criar representações artificiais dessas áreas verdes para atrair compradores.

Imagem 02– Cabula – Áreas verdes



Fonte: Lima, Pena e Falcão (2020)

Reforçando o que foi exposto, fica claro que a deterioração da mata atlântica nativa do cabula é um problema que necessita de medidas que inibam a sua destruição, por mais que o 19º batalhão de caçadores do exército mantenha a preservação do espaço, como foi visto no mapa, ainda há vários redutos do ambiente natural que também precisa ser conservado. Mediante a isto, a conscientização ocorre através de um processo educativo de conhecer a fauna e flora do espaço, assim como as problemáticas que envolvem os danos causados, partindo do preceito que é um dever de todos na sociedade o cuidado com a natureza.

1.3 A HISTÓRIA PÚBLICA E SEU SENTIDO PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.

A história pública, como campo de conhecimento histórico, surge nos Estados Unidos a partir da década de 70. Na perspectiva de pensar uma funcionalidade para os profissionais em história que precisavam de emprego, logo depois tanto na Austrália como no Reino Unido, vai ocorrer essa aplicação da história pública focada em uma questão não só empregatícia, mas também voltada no sentido de patrimônio e qual sua relevância para a sociedade.

É preciso entender que a história pública faz parte de um princípio de pensar a história no sentido mais prático, não apenas num viés acadêmico e retórico. Já que, em uma questão metodológica, a história pública pensa em como levar ou como aproximar a história escrita – nas fontes, nos registros, nos memoriais – e fazer com que ela tenha um sentido mais efetivo e prático para a vida daqueles com quem ela pretende alcançar.

A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida como um ato de "abrir portas e não de construir muros", nas palavras de Benjamin Filene. (Almeida; Rovai. 2011. p. 6)

Nessa perspectiva, é preciso pensar de que forma prática o historiador e o professor de história podem alcançar os estudantes, de modo que não seja apenas uma memorização ou repetição de datas. Segundo Albieri (2011), a prática histórica deve ir além de uma questão decorativa ou apenas de reprodução do passado pelo passado. É importante que o próprio indivíduo se sinta parte desse mundo, parte dessa história e assim possa conseguir formar seus conhecimentos históricos específicos também a partir de suas vivências.

Logo, a educação patrimonial traz uma proposta importante, pois como cita Paulo Freire (2005), ela entra em um viés de instrumento de alfabetização cultural. Isso possibilita que, ao indivíduo, no processo de sua leitura de mundo, isto é, de enxergar as vivências ao seu redor, ele possa compreender o seu universo sociocultural e a trajetória histórica e temporal no qual está inserido. Então, no seu cotidiano, nas suas dificuldades, nas suas existências, no seu ir e vir, ele pode construir um novo olhar de sua realidade.

Assim como aborda Mauad e Santhiago (2016), é preciso pensar o passado também como um objeto de comunicação. Pois, as instituições que fazem parte dessa perspectiva também estão dentro de disputa: as religiosas, políticas, culturais e geracionais, ou seja, partindo dos três pilares nos quais esse projeto se destina: Entender a história do Quilombo do Cabula e sua relação com o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá e a Preservação Ambiental no 19º BC, contribui para repensar os patrimônios do Cabula e as disputas entorno desses espaços.

São objetos de estudo, além disso patrimônios culturais que fazem parte do cotidiano do aluno, no qual é preciso e necessário essa reflexão. Por isso que a pesquisa não se prende apenas a nenhuma perspectiva de só analisar, de só refletir, mas como a própria história pública aponta, também de produzir e publicizar esse conhecimento que está sendo produzido.

Neste contexto, as atividades no âmbito da comunidade local podem constituir um método válido para a progressão das ideias dos alunos, desde um nível baseado na experiência cotidiana até conceitos históricos mais avançados. Além disso, uma abordagem local dos conteúdos pode estimular os alunos a trabalharem de forma reflexiva e crítica, envolvendo-se tanto na vertente teórica como na prática, pois implica também a ligação à comunidade. (Pinto, 2011, p. 141).

É com essas experiências que o estudante pode acrescentar outros conceitos e outras possibilidades de enxergar esses patrimônios integrando a comunidade local no processo educacional, pois observar esses espaços também pressupõe analisar as pessoas que fazem parte desse espaço. Desta maneira, os patrimônios históricos se tornam laboratórios vivos, onde o discente deve relacionar a teoria e prática, potencializando o aprendizado histórico de forma significativa.

Assim a realização de atividades relacionadas com o patrimônio histórico cultural de uma localidade pode favorecer a aprendizagem de conceitos históricos, o que envolve, não só a compreensão de situações do passado apresentadas por especialistas, mas também a experimentação de procedimentos metodológicos que permitam aos alunos a interpretação de diferentes fontes históricas (Pinto, 2011, p. 230)

A criação de experiências educativas que colocam os estudantes em contato direto com o patrimônio vai além da simples transmissão de conhecimento, ao se engajarem com o patrimônio, os estudantes se tornam protagonistas na construção do próprio saber, eles não são meros receptores. Em outras palavras, o contato com o patrimônio não é apenas uma forma de ensinar história mas um aprofundamento do desenvolvimento integral dos estudantes, com o intuito de os preparar para as oportunidades e desafios da vida. O contato direto com o patrimônio pode gerar experiências educativas mais significativas ao educando, dessa forma, promover um sentido de pertencimento, suscitar o envolvimento dos jovens na construção do seu próprio conhecimento e promover a aquisição, pelos alunos, de habilidades e competências que lhes permitam desenvolver a sua ação presente e futura.

A história pública tem esse viés de abarcar várias outras disciplinas e conhecimentos, integrando-os para que haja uma produção mais significativa. Então, para isso, é preciso que compreendam esses patrimônios à vista dos estudantes e se pense como esse conhecimento pode ser construído. Para tal, emerge as seguintes problematizações: Quais as vertentes a serem trabalhadas? Qual forma pode ser considerada satisfatória a fim de ser publicizado no

intuito de ser efetivo e importante para a comunidade daqueles que estão inseridos? Como estabelecer as relações entre passado e presente? Buscaremos responder essas questões no segundo capítulo. Todavia, acerca disto, pontua Almeida e Meneses:

Se o mundo em que vivemos é um mundo repartido, nós, historiadores, somos chamados a atravessar também nossos próprios territórios e fronteiras, desafiados a experimentar os limites de nossa profissão como produtores de conhecimento e professores para irmos além e ajudar a tecer novas compreensões, ainda que provisórias, do nosso próprio tempo. Entender a contemporaneidade talvez seja o nosso maior desafio. (Almeida; Meneses, 2018, p.12)

Ao longo do capítulo, foram apresentados os principais conceitos que norteiam o trabalho, na busca para entender os elementos que constituem os patrimônios culturais do Cabula e de que forma estes podem auxiliar na construção do saber histórico vivenciado pelos estudantes em seu cotidiano. O papel da História enquanto ciência é fomentar um conhecimento significativo, em virtude de tal afirmação, repensar o passado e colaborar com o presente através de uma produção realizada pelos próprios alunos a partir de sua visão, não é só estar a par da história pública, mas assim como de uma educação plena e libertadora.

CAPÍTULO 2 – CONEXÕES ENTRE A HISTÓRIA LOCAL E A PRODUÇÃO DE QUADRINHOS: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Neste segundo capítulo, são apresentados as possibilidades de se trabalhar com as histórias em quadrinhos no ensino de história, delimitando as tipologias das hqs e como estas podem ser trabalhadas em sala de aula pelo professor em diferentes anos, ao pontuar os elementos gráficos, narrativas e os tipos de fontes que podem ser analisadas nessas produções, como também, as dificuldades que envolvem a falta de hábito de leitura, as poucas hqs disponíveis nas bibliotecas e os docentes que pouco se utilizam das narrativas gráficas. Assim como, o papel que esse material detém mediante a história pública ao publicizar fatos históricos e conceitos relevantes a sociedade atual.

2.1 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

As histórias em quadrinhos são diversas, sendo popularizadas desde o início do século passado com narrativas heroicas, fantásticas e cativantes, que de forma plural atingiu e ainda atinge uma boa parte de público que se encanta com os diferentes roteiros, traços artísticos e produções que emocionam. Nesse sentido, é importante destacar e as diferentes histórias em quadrinhos que podem ser trabalhadas em sala de aula. Para proposta desse trabalho, foram levantadas uma série de obras baseadas em três segmentos: temas históricos, construção histórica e biográficas ou autobiográficas. De acordo com Lima (2017), para se trabalhar com esse material no ensino de história é preciso que haja uma análise de como esse material pode ser aplicado, em virtude, das fontes, referências e elementos históricos utilizados na obra, que por serem literatura não detém do rigor metodológico da história.

Nesse primeiro segmento, ou seja, as HQs de temas históricos, estão as narrativas as narrativas que possuem elementos como personagens, locais, temporalidades que fazem parte de recorte espacial e temporal, mas não há uma preocupação com uma veracidade histórica, a exemplos de *Asterix e Obelix*, o autor Uderzo, retrata a Gália e o combate com os romanos, apresentando elementos comuns aos conteúdos estudados durante o 6º ano do ensino

fundamental, como as olimpíadas, o exército romano, gladiadores e os povos normandos, bretões, gregos e entre outros. É interessante colocar que ainda que não haja uma preocupação com a veracidade histórica e notar vários anacronismos presentes na obra, tais elementos são importantes para serem entendidos como conceitos históricos.

Nas histórias de Asterix, por exemplo, encontramos informações a respeito da época de produção, elementos culturais daquela sociedade; mas mesmo esses anacronismos podem ser aproveitados no Ensino de História pelo fato de proporcionarem aos estudantes exemplos para a compreensão do próprio conceito de anacronismo. Nesse processo de análise dos elementos anacrônicos presentes nos quadrinhos, cabe ao professor mediar a leitura das HQ, chamando atenção para as incorreções presentes na obra; (Silva; Souza Neto; Matos, 2024, p. 404)

Com isso é possível que o docente auxilie o discente no processo de leitura da narrativa gráfica identificar esta como uma fonte histórica com uma intencionalidade e temporalidade e percebendo que “os erros podem servir como ponto de partida para informações historicamente corretas, contribuindo para construção do conhecimento” (Vilela, 2016. p. 121). Seguindo a mesma linha dessas histórias em quadrinhos, a obra *Berserk* ambientada em um cenário medieval fantasioso, levanta temas como a inquisição, relação entre nobres e vassallos, apresenta ao estudante os combates e tomadas de castelos, dialogando com a Idade Média. *Kingdom* período dos reinos combatentes chineses, que assim como *Berserk*, explora a ambientação e as relações sociais, como o papel do reino de Qin na unificação da China. *Capitão América*, herói americano criado no contexto da segunda guerra mundial, com o próprio dando uma bofetada na cara do Hitler na capa, tema este presente nos anos finais do Fundamental II e Ensino Médio. *Ditadura no ar*, constrói uma narrativa acerca da ditadura militar brasileira em 1969 após o AI-5, o enredo relata a busca de um fotógrafo para descobrir o que aconteceu com uma estudante comunista, em meio a esse cenário de torturas, exilados e músicas de protesto, ambientando um período histórico que é estudado durante o 9º ano, mas que levanta debates até os dias atuais. Utilizar esse material aproxima o contexto e realidade dos eventos históricos, todavia, são enredos que devem ser utilizados como um referencial para identificar os elementos históricos presentes na obra.

Imagem 03 – Asterix e Obelix nos jogos Olímpicos



Fonte: Asterix & Obelix. Uderzo (1985)

Como contextualiza Túlio Vilela “o uso dos quadrinhos pode ser feito de diferentes maneiras: para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado; como registros da época em que foram produzidos e como ponto de partida de discussões para conceitos da História” (2004, p. 109 – 110). Ou seja, nessas HQs onde não há uma preocupação com a coerência histórica elas podem ser entendidas através de um aspecto geral do passado, as classes sociais, os espaços, a arquitetura, as vivências, o cotidiano sempre fazendo uma relação com uma fonte, a historiografia e o papel de entender o passado e presente, tais materiais podem servir como uma ferramenta para que o nosso estudante consiga diferenciar história de estória, sabendo que o estudo do passado exige um teoria, metodologia, análises e que a leitura feita da história em quadrinho deve ser tomada como um mecanismo de maximizar seu aprendizado histórico.

Já as obras de Construção Histórica, se encontram as HQs que se baseiam em eventos históricos, que utilizam não apenas do cenário, como também de fontes, historiadores e relatos que corroborem seu enredo, a exemplo de *A Revolta de Canudos*, baseada no livro Os Sertões do Euclides da Cunha, que acompanhou o evento como repórter e detalhou de forma extensa o conflito e suas particularidades, além de *Cumbe e Angola Janga*, obras do Marcelo D’ Salete que retratam todo o contexto envolto na sobrevivência dos mocambos e do próprio quilombo dos Palmares. Segundo Braga (2020), além da bibliografia histórica utilizada, dos ricos detalhes nas produções dos traços e da ambientação, Angola retrata uma história “de baixo pra cima” dando ênfase na resistência dos povos escravizados envolto do quilombo dos Palmares, e de como esse racismo estrutural que se mantém hoje está ligado a esse passado obscuro advindo da escravidão.

Imagem 04 – O processo de fazer o açúcar no período colonial



Fonte: Angola Janta. D'Salete (2017)

Ao pensar em aula sobre os movimentos de resistência dos povos africanos no Brasil, Palmares se torna o maior símbolo dessa resistência, sendo enaltecida até os dias atuais envolta da figura de Zumbi, ainda assim, há pouco material que vislumbre de forma imagética esse processo. Ao trabalhar, a exemplo com o 7º ano, além das fontes escritas, é escasso outros referenciais que sirvam para aproximar esse período histórico com o presente do estudante, Angola Janta nesse sentido, mesmo sendo uma produção ficcional, mas baseada nas fontes e na historiografia, pode preencher essa lacuna, pois apresenta, além do enredo e seus personagens, a geografia, as ambientações, as vivências nos quilombos, os contextos, as relações entre senhores e escravos, o papel da igreja, a resistência das religiões de matriz africana, os conflitos entre governantes e governados, de uma forma que permite uma imersão de um período distante mas que causa impactos até hoje.

Importante ressaltar que D'Salete procura evidenciar não somente o negro enquanto força de trabalho, mas com toda sua contribuição intelectual, cultural, linguística e religiosa, se libertando da historiografia eurocêntrica. Conhecemos essa parte da história de forma generalista, apenas como os “escravos”, não sabemos a fundo suas vivências, modos de vida, cultura e afins. Ou seja, não os compreendemos em sua complexidade, foram incorporados em uma “grande história” contada, em suma, por homens brancos. (Ribeiro, 2002, p. 77)

As produções culturais sobre o período de escravidão abordam o papel do negro de forma passiva diante daquela realidade. O autor, entretanto, enfatiza a resistência ativa e a luta desses indivíduos contra o sistema escravocrata e a tentativa de manter a existência do quilombo como um reduto de sua própria identidade e herança. A abordagem da história enfatiza como os negros escravizados confrontaram o regime de escravidão, construindo em Palmares um quilombo autônomo e próspero.

No último segmento, que são as histórias biográficas ou autobiográficas, são produções que partem de um olhar micro sobre os eventos macro que cercam o personagem principal, nessas narrativas o autor expressa emoções e a vida do personagem de uma forma mais particular, relatos que muitas vezes não fazem parte de uma historiografia tradicional, então é possível entender o impacto de fatos históricos ao entorno de pessoas comuns. “Há,

portanto, histórias em quadrinhos estruturadas como narrativas historiográficas que biografam as experiências de sofrimento e luta pela igualdade humana de sujeitos históricos esquecidos pela historiografia tradicional”. (FRONZA, 2024, p. 262). Em virtude disso, ocorre uma imersão maior do leitor na narrativa ao encontrar elementos, emoções e ações que são comuns também ao leitor.

Dentre várias obras podemos citar *Hadashi no Gen*, mangá baseado na vida do próprio autor, o Keiji Nakazawa sobrevivente da bomba de Hiroshima, abordando em sua escrita todo o pavor e perda causada por esse evento trágico. *Grana*, que conta a história da Ok-Sun Lee, vendida quando criança por sua família para casas de confortos dos japoneses durante a segunda guerra mundial, é um relato bastante triste e pesado sobre os crimes cometidos pelo Japão e que até hoje geram debates sobre o fato do país nipônico não ter se desculpado abertamente sobre as ilegalidades realizadas. *O diário de Anne Frank*, obra escrita pela própria Anne em formato de diário, tendo uma série de publicações em vários formatos, assim como quadrinhos, aborda os desafios da vida da autora durante a invasão nazista na Holanda e todos os horrores do holocausto. *Persépolis*, autobiografia da Marjane Sartrapi que durante sua infância e adolescência vivenciou a revolução iraniana e o impacto causado principalmente as mulheres de seu país.

Maus, ganhador do prêmio Pulitzer, conta a história do pai do quadrinista Art Spiegelman, sobrevivente do holocausto, mostra toda desumanidade realizada pelo regime nazista e sua destruição a todo um grupo, é interessante como o autor nesse caso retrata os judeus como ratos e os alemães como gatos, como uma forma de mostrar a perseguição sofrida, sendo retratada de uma forma que não há como se desvencilhar aos horrores cometidos pelos nazistas durante o genocídio do povo judeu e toda arquitetura construída em torno dos campos de extermínio.

Imagem 05 – Retratação dos judeus sendo queimados nos campos de extermínio



Fonte: Maus. Spiegelman (1991)

Para contribuir no processo educativo dos estudantes, o docente em história deve utilizar dessas narrativas (auto) biográficas, ao problematizar questões que envolvam o aluno a refletir como ele agiria se estivesse dentro daquela narrativa ou quais ações ele tomaria naquela situação, enfatizando as semelhanças e diferenças entre o aluno e os personagens da história em quadrinhos, fazendo com que o estudante se coloque no lugar do outro. “Tal atitude pode contribuir para a compreensão da alteridade própria da constituição da memória histórica da humanidade “ (Fronza, 2024, p. 230). Ainda que tenham propostas diferentes, com temporalidades específicas e enredos particulares, as histórias em quadrinhos possuem a similaridade de possibilitar a imersão na leitura, ao contextualizar o assunto através de texto e imagem, conseguindo atrair a atenção do leitor de forma mais eficiente, se atentando aos símbolos imagéticos produzidos, a narrativa, mas principalmente o meio como o indivíduo se aproxima da narrativa produzida, acerca disto, afirma Santos Neto:

Em síntese, quem quer trabalhar com histórias em quadrinhos em sala de aula precisa ter uma experiência com as histórias em quadrinhos. Experiência no sentido que tenho trazido em meus textos, inspirado no filósofo Jorge Larrosa: é preciso ter se deixado ‘atravessar’ pelas histórias em quadrinhos e ter consciência daquilo que ela provocou em você como ser imagético. E se a percepção da experiência for positiva, então conhecer com mais detalhes as possibilidades de sua linguagem: os sinais gráficos, os requadros, os ângulos, as formas de paginação, as onomatopéias, as possibilidades de movimento, as representações do tempo, as calhas, as cores, as expressões, a forma de produção etc. (Santos Neto, 2011, p. 130)

De acordo com Douglas Mota X. de Lima (2017), Marcelo Fronza (2007) e Márcio Túlio R. Vilela (2004) para além da compreensão das HQ's como suporte de conteúdo, estas podem ser compreendidas e analisadas como fontes históricas, ao serem exploradas a partir de suas historicidades, para tais autores entender os significados e os usos sociais desse material auxiliam o processo de aprendizagem do estudante, de tal forma a corroborar com Jorn Rusen (2001) e Luis Fernando Cerri, (2011) no que compete as perspectivas da consciência histórica ao estabelecer as relações passado e presente, compreender os processos da formação de identidade local e global, analisar as diversidade cultural e principalmente, problematizar as causas e consequências a partir das problemáticas da vivência do educando.

O autor destaca que alguns quadrinhos são fundamentados em pesquisas e outros misturam ficção com realidade. Além disso, o uso de fontes primárias e secundárias pode ajudar a contextualizar e enriquecer a compreensão dos alunos sobre eventos históricos, permitindo que eles vejam as conexões entre o passado e o presente. Em última análise, a consciência histórica pode ser um instrumento poderoso para ajudar os alunos a desenvolver habilidades críticas e reflexivas, bem como a compreensão do mundo em que vivem.

Partindo dos pressupostos abordados, é notável as contribuições que as HQs detêm no ensino de história, ao possibilitar uma leitura mais atrativa para o estudante, o uso das imagens e letras ensinarem de forma eficiente, o enriquecimento do vocabulário, seu uso em qualquer faixa etária e ir além da temática fornecendo conhecimento e conceitos sobre visões de mundo, informações científicas, modos de vida e diversidade cultural. Todavia, mesmo com os benefícios para o ensino com o uso dessas ferramentas, ainda há uma série de dificuldades que se tornam empecilhos para uma maximização das histórias, poucos estudantes têm o hábito de leitura, tal fator é prejudicial no processos de aprendizagens, pois:

A leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto, portanto o leitor não é somente um receptor passivo, mas também um agente que procura suas significações; ele, o leitor, a partir do texto lido, deve ser capaz de comparar com outros textos atribuindo-lhe sentido. Percebe-se que a leitura em sala de aula muitas vezes não produz sentido para os alunos, na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos (Geraldi, 2011, p. 90).

Ainda que a escola possua biblioteca, são poucas as edições das histórias em quadrinhos presentes, para além da questão material, no que concerne a questão de produção do conhecimento, ainda há um bom número de estudantes que não conseguem relacionar a leitura aos fatos históricos e o número é ainda menor quando se pede a interpretação de sua compreensão da obra. Tal fator é algo a ser ponderado, pois de acordo com a BNCC, é importante que o estudante ao ter acesso as histórias em quadrinhos possam, “ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes” (BRASIL, 2020, p. 169). Mediante a isto, se acrescenta ao fato de que poucos professores de história enxergarem as histórias em quadrinhos como material relevante no processos de aprendizagem. Segundo Sávio Queiroz Lima:

O uso das histórias em quadrinhos enquanto objetos-fontes é um exercício claro do pesquisador sair de sua zona de conforto. Ao mesmo tempo, é uma prática científica que exige alteridade e respeito. Importante frisar, aqui, que mesmo se tratando de uma fonte bastante rotulada como de entretenimento, lúdica, não é mais fácil do que qualquer manuscrito ou periódico, exige singularidades como as fotografias ou filmagens. (Lima, 2015, p. 5)

Por fim, as histórias em quadrinhos são um material robusto de textos, imagens, fontes e informações que podem auxiliar o docente e o estudante na construção do conhecimento, todavia, mesmo com os avanços no PNLD e o incentivo da BNCC no uso das histórias em quadrinhos, a falta do hábito de leitura entre os estudantes, o parco material nas bibliotecas e o pouco uso dos professores na utilização desse material se torna um empecilho para uma ação mais produtiva do uso das hqs, nesse sentido, para que ocorra de forma efetiva

é preciso que haja para além da leitura, o debate, os questionamentos, o cruzamento com outros materiais e as reflexões que tal material exige para que assim se construa um ensino mais produtivo e significativo.

2.2 ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A história como ciência, em seu papel educativo, parte da premissa de que a compreensão do passado é relevante para que haja um melhor conhecimento do presente, dessa maneira, como já discutido na seção anterior, esta ciência pode contribuir para que o indivíduo esteja apto e com uma mentalidade mais aberta, problematizadora e crítica acerca do seu meio social. Não há como se desvencilhar do passado, seja em filmes, séries, jogos, livros e dentre vários materiais quer sejam fiéis ou não a uma coerência histórica, estes materiais agem como propagadores desses fragmentos vivenciados pelos seres humanos. “Indiscutivelmente, as revistas de HQ, por fazerem parte importante do universo de crianças e jovens, podem ser igualmente utilizadas como ferramenta pedagógica criativa e eficiente.” (Funari, 2004, p.152 apud Souza Neto, 2016, p. 135). Logo, o professor tem o papel de utilizar esses meios como uma forma de explorar as possibilidades de análise históricas e construção do conhecimento que permitam ao estudante se aproximar melhor de uma consciência crítica acerca dessa ciência.

As histórias em quadrinhos são uma forma de narrativa virtual e historiográfica que podem ser utilizadas como uma ferramenta educacional para o ensino de história, há várias definições e tipologias desse tipo de produção intelectual, nessa conjuntura foi optado a conceituação de McCloud (2005) que define as histórias em quadrinhos como uma arte sequencial de imagens e textos que juntas fornecem uma história sendo ela curta ou extensa, pois para o autor assim como uma nota musical, por mais que tenha uma função em seu viés artístico, são as sequências de acordes que formam uma música, isto é, para esse pesquisador são as sequências de texto e imagem que definem as HQs enquanto arte, no qual a linguagem pode ser transmitida mostrando as emoções, ideias e sentimentos que o escritor e desenhistas querem ilustrar.

Os quadrinhos criam o “inteiro” a partir de “buracos”. Ao conectar esses fragmentos, preencher as lacunas envolve diversos e diferentes tipos de leitura, em que apenas uma é a leitura de palavras. A estrutura fragmentada dos quadrinhos envolve muitos códigos e signos variados em cada nível de significação (desenhos, layout, sequência, narrativa) e, conseqüentemente, exigem diferentes formas de decodificação em cada nível. (Postema, 2018, p.24).

As histórias em quadrinhos são importantes para serem trabalhadas no ensino de

história, porque conseguem conectar elementos da vivência dos estudantes com os temas e conceitos ensinados em sala de aula. Desse modo, seus benefícios para o processos de aprendizagens do aluno envolvem: Atratividade visual, diversidade, abordagem lúdica, narrativas envolventes e contextos históricos. De acordo com Vilela (2004), o potencial das histórias em quadrinhos é enorme. O autor adverte que, assim como o cinema e a literatura ficcional, os quadrinhos são, muitas vezes, vistos pelos professores como suporte de um conteúdo. Para o autor, eles podem ser muito mais do que isso, destaca a importância de trabalhar com as HQs como fontes históricas.

As Histórias em Quadrinhos abordam diferentes perspectivas de tempo, personagens e fatos históricos, muitas vezes misturando elementos reais e fantasiosos em sua produção. Dessa forma, podem tornar o aprendizado mais cativante e acessível para os alunos, ao mesmo tempo em que permitem uma maior diversidade de perspectivas e narrativas históricas. Segundo Pierro (2018), a forma que as histórias em quadrinhos proporcionam no processo de leitura e visualização da imagem possibilita com que os temas científicos trabalhados nesse material sejam mais atraentes e facilitando a aprendizagem do leitor. Acerca do que foi dito, Lima afirma que:

Os estudos da área do ensino têm explorado a importância da inserção de variadas linguagens nas salas de aula, e as HQs constituem linguagem singular através da qual fatos, épocas e ideias são vividos por personagens, dando escala textual e imagética a tais elementos. Além disso, os quadrinhos promovem a leitura, a interpretação e a imaginação, aspectos diretamente relacionados às aulas de Linguagens, mas também fundamentais para as Humanidades e, especificamente, para a História. (Lima, 2017, p. 22).

Vale salientar que não basta apenas apresentar a narrativa gráfica como meio de aprendizado, é necessário que assim o material seja analisado também como uma fonte histórica e ser questionada, a exemplo: Quem produziu a HQ? Em qual contexto? Sobre quem e o que escreve? O que deseja atingir? Quais elementos históricos podem ser relacionados? Para facilitar esse processo de análise é importante que o docente tenha noção das diferentes produções dessas histórias, sejam elas mangás, graphic novel, charge, cartum ou tirinha. Para Carvalho (2006), existem dois caminhos possíveis de se trabalhar com os quadrinhos na disciplina de História: O professor pode abordar como os quadrinhos foram inseridos ou foram referenciados em momentos históricos da humanidade e como retrataram o passado, para que ocorra de forma efetiva é importante distinguir as abordagens dadas a historicidade presentes nelas.

Um dos fatores importantes no processo de construção da aprendizagem dos estudantes parte da leitura e escrita, a escola enquanto espaço de formação deve propiciar os

elementos necessários para que esse estudante possa desenvolver as habilidades literárias em seu progresso educacional e possa relacionar seus aprendizados vivenciados também fora desse mesmo espaço, logo:

O saber histórico e os valores culturais não são transmitidos exclusivamente pela escola. A produção e construção do conhecimento consiste na premissa de que a educação é um processo contínuo que pode acontecer em variados locais, instituições, momentos e relações; é um processo que extrapola os muros das intuições e os programas curriculares (Silva; Souza Neto; Matos, 2024, p. 398)

No que se refere as histórias em quadrinhos, enquanto fonte histórica, é importante situar que “a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida, inicialmente eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados com textos escritos.” (VERGUEIRO, 2006, p.20). Ou seja, era apenas uma ferramenta de auxílio e não principal na construção do conhecimento. Para a mudança desse cenário, foi preciso além das pesquisas sobre o tema, o suporte do PNL D para propagação de obras neste formato, promovendo um melhor conhecimento e ampliação em sua forma de trabalho, sobre o PNL D é importante situar que:

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (MEC, 2024, s/p)

A pluralidade das obras e a crescente publicação das histórias em quadrinhos tem propiciado aos estudantes, professores e comunidade escolar novas formas de se enxergar as temáticas debatidas em sala de aula como: racismo, intolerância religiosa, ética na ciência, educação quilombola, holocausto, literatura e entre outros. Souza Neto (2016) afirma que as HQs “Emergem como poderosos elementos para o aprendizado [...], pois estão repletas de inquietações, servem às comemorações e lembranças da realidade, propiciam novas estratégias de ensino e a produção de conhecimento histórico [...]”. Em virtude do que foi abordado, a combinação de texto e imagem facilita a compreensão do leitor, pois facilita enxergar de forma mais clara aquilo que lê, estabelecendo relações mais significativas nesse processo formativo, ao propiciar mais referenciais sobre temas que muitas vezes não são tão propagados de forma midiática.

Ao propor uma variedade de fontes, a prática do docente é dinamizada e há uma democratização do saber, pois: “[...] ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re) construirmos nosso conceito de ensino e

aprendizagem” (Fonseca, 2003, p. 164). Com isto, as histórias em quadrinhos ampliam os conhecimentos prévios dos estudantes, expandem a noção de fontes e temáticas de períodos ou fatos históricos e principalmente, facilita o processo de ensino aprendizagem através de uma forma mais atrativa e dinâmica do conhecimento.

Segundo Matos (2019), é papel do docente contextualizar aos estudantes em sua prática em sala de aula, que as histórias em quadrinhos analisadas no exercício didático, são reflexos do autor ou autores que a produziu, assim como do tempo em que foi produzido, tendo estas a liberdade poética para não se comprometer fielmente ao um trabalho historiográfico, ainda que algumas HQs se utilizem desses referenciais. Desse modo, a abordagem desse material deve ser feita como uma forma de trabalhar com o aluno um olhar crítico sobre o material e que muitas vezes não condiz com a realidade.

Entretanto, como discutiremos no subcapítulo seguinte, mesmo essas narrativas gráficas, que não seguem uma historiografia acadêmica, possuem elementos importantes para formação do conhecimento histórico do estudante. Isto significa que as narrativas gráficas se configuram com um aliado para o docente em história ao explorar o contexto e ambientação das temáticas abordadas em sala de aula, assim como aborda Souza Neto (2016), as histórias em quadrinhos as inquietações estudadas nesses materiais que comemoram ou rememoram a realidade, possibilitam novas formas de produção de conhecimento e estratégias de ensino. Assim como o professor de História é formado em sua graduação para analisar e problematizar as fontes, utilizar de tal material narrativo gráfico também se enquadra nessa categoria de discussão e construção da aprendizagem com os estudantes.

Outro fator importante na relevância do papel das histórias em quadrinhos no processo educacional dos alunos está na formação do processo cognitivo do jovem, possibilitando uma melhor captação do que está aprendendo através das linguagens verbais e não verbais presentes no material, o desenvolvimento de um maior senso de criticidade, interpretação e a criatividade. Acerca disto, pontua o autor que:

[...] a caoticidade criativa nas imagens em geral, e nos desenhos, inclusive de quadrinhos, incentiva os hemisférios direito cerebral, diferentemente de uma leitura de textos cartesianos, que mais o hemisfério esquerdo do cérebro [...] [as artes] devem ser usadas na educação, por promover este binômio entre a inteligência racional cartesiana (pelos textos fonéticos explicativos) e a inteligência intuitivo-criativa (pelas artes em geral, incluindo-se os desenhos das HQs). (Andraus, 2011, p.37-38).

A formação educacional que se objetifica a se concentrar unicamente na construção do pensamento cartesiano pode gerar indivíduos com uma capacidade de análise efetiva, todavia, no que compete a criatividade haveria uma série de lacunas, assim como na solução

de problemas em um viés não convencional e em um olhar mais empático. Essa forma de enxergar essa concepção de inteligência busca reconhecer e valorizar as diferentes formas de conhecimento, preparando um estudante mais criativo, adaptado e completo aos desafios do futuro.

A pesquisa se propõe a apresentar os patrimônios do Cabula, conforme trabalhados no capítulo anterior, e as possibilidades das histórias em quadrinhos para o ensino de história. No entanto, para possibilitar um melhor aprofundamento desses conhecimentos, propomos que o próprio estudante desenvolva sua narrativa gráfica a partir dos conhecimentos adquiridos acerca de seus aprendizados sobre os patrimônios de seu bairro. Segundo Damasceno (2023), o desenvolvimento das habilidades como roteirização, desenho, noção de tempo e espaço, visão artística e entre outras habilidades, possibilitam um espaço onde ele pode expressar o que aprendeu e suas visões sobre o local onde vive. Desse modo ressalta Matos:

E ao utilizar as HQs na sala no ensino de História, é interessante que o professor procure aplicar atividades diversas: leitura da obra; análise e interpretação dos signos presentes nas Histórias em Quadrinhos; discussão conceitual; estimular os alunos a produzir suas próprias Histórias em Quadrinhos sobre as problemáticas discutidas durante aula. (Matos, 2019, p.27)

O processo de construção do material por parte dos alunos se torna impactante na medida que para produzir as histórias em quadrinhos eles vão ter que aprofundar seus conhecimentos sobre os patrimônios do bairro, buscando mais detalhes, informações e fontes que enriqueçam sua produção. Nesse processo, suas habilidades de pesquisa também vão ser aprimoradas já que vão precisar selecionar quais fontes são confiáveis, como organizar as informações coletadas e analisar se elas podem ser utilizadas ou não no material. Da mesma maneira que essas habilidades serão desenvolvidas no processo de construção da hq, os estudantes podem reconhecer e ter um maior sentimento de pertencimento local. Portanto, a produção que é realizada pelos discentes se propõe a dar espaço aos estudantes mostrarem suas visões e interpretações sobre o bairro e compartilhar essas visões com os colegas, a escola e a própria comunidade. Acerca da importância da produção de materiais didáticos pelos próprios estudantes, afirma Bittencourt:

Podemos dizer que os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina. Além da criação de materiais didáticos pelos professores, há também produções feitas pelos alunos, constituídas de textos escritos diversos, como narrativas, painéis, desenhos, jogos, mapas, maquetes etc. Esse tipo de produção por parte dos alunos consiste numa forma de criação de material didático resultante do domínio do conhecimento obtido no decorrer do processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, a produção de

materiais didáticos pelo próprio aluno deve ser uma das metas do trabalho docente. (Bittencourt, 2004, 246)

Tendo em vista os aspectos abordados, o uso das narrativas gráficas a partir da visão dos estudantes acerca dos patrimônios do Cabula se tornam materiais didáticos para a propagação do conhecimento histórico, como também das impressões e visões que os discentes possuem acerca do seu local. Desse modo, como abordaremos no subcapítulo seguinte, é importante que essa produção de conhecimento não fica retida na escola e possa ser discutida, debatida e aprimorada com a participação da comunidade na leitura desse material, de modo a tornar esse conhecimento colaborativo e público.

2.3 UM OLHAR SOBRE COMO A HISTÓRIA PÚBLICA DIALOGA COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A história enquanto ciência possibilita uma série de informações e conhecimentos sobre os indivíduos do passado, perpassando por uma série de conflitos, eventos, experiências e dentre outras ações que nos auxiliam a compreender a relação de causa e consequência que compreende o mundo atualmente. Por muito tempo, a história enquanto ciência era restrita ao espaço acadêmico, tendo as outras perspectivas de enxergar o passado apenas como ficção ou literatura, todavia, ainda que tais obras não sigam o rigor metodológico, elas podem auxiliar o indivíduo na compreensão do passado. De acordo com Ribeiro (2022), as histórias em quadrinhos vão além do que meras obras ficção e se tornam portais para o conhecimento histórico. Através de uma sequência de fatos, imagens e acontecimentos, somos levados para diferentes contextos e épocas, vivenciando de forma imersiva as experiências dos personagens e desvendando o passado de forma envolvente.

Vale reforçar que a publicização da história ocorre de diferentes formas, não apenas por meios acadêmicos, são os filmes, jogos, séries, documentários, pinturas e dentre outras que auxiliam no entendimento do passado, pois então são meios de democratizar e ampliar os conhecimentos abordados nas universidades e na escola, como também da construção e imaginação de diferentes possibilidades históricas como obras de “história didática” e “ficção histórica” que se utilizam da pesquisa historiográfica no que se refere a alguns contextos, ambientações e figuras da época, mas produzem um material diferente da historiografia.

Isso não significa que tais materiais, que muitas vezes não são escritos por historiadores de formação, por não conterem o rigor academicista ou anacronismos, não servem ou não podem ser utilizados no ensino de sala de aula, pelo contrário, a imersão que

tais obras fornecem aproximam o leitor do conhecimento histórico e cabe ao docente, em seu papel de mediador, discutir, problematizar e debater os conceitos e personagens ali presentes na obra, de forma crítica e atenta a quem produziu, como produziu e quais as intenções na produção de tal obra. Segundo Carvalho e Teixeira (2019), apesar de o conhecimento histórico ser relevante para uma melhor compreensão da sociedade em que estamos inseridos, a sua divulgação por parte dos historiadores para o grande público ainda não consegue alcançar de forma plena os indivíduos.

Apesar do interesse crescente de alguns historiadores em divulgar seus estudos com uma audiência mais vasta, a maioria dos profissionais da área ainda se concentra em publicações e pesquisas acadêmicas em periódicos, anais e dentre outros espaços que não são presentes para o grande público. Nesse cenário, outros profissionais aproveitam esse espaço para divulgar suas experiências e produções históricas, como é o caso dos jornalistas que vivenciam momentos históricos e decidem publicar tais memórias. Acerca disso, afirma Mazu e Danner:

[...] O jornalismo em quadrinhos é um campo emergente, liderado por Joe Sacco, que continuou a documentar personagens e eventos em áreas do mundo devastadas pela guerra, de *Palestina* (1996) ao conflito na Bósnia em *Safe Area Gorazde [Área de segurança Gorazde]* (2000) e *The Fixer* (2003), antes de retornar à Gaza ocupada, para a sua mais ambiciosa e importante obra de investigação histórica, *Footnotes in Gaza [Notas sobre Gaza]* (2009), que apresentava o ponto de vista palestino em dois supostos massacres pelas tropas israelenses durante os anos 1950. (Mazur e Danner, 2014, p.300).

Os registros e informações contidas em tais obras são importantes fragmentos da história, são conhecimentos experienciados diretamente no conflito. Nesse ponto, as ilustrações e os diálogos presentes na arte gráfica podem fornecer mais dados e possibilitar uma aproximação maior do estudante com o que ele lê, além de ampliar o conhecimento acerca do tema ao tornar a problemática mais acessível, mas sem perder os critérios teóricos e metodológicos.

De acordo com Luciano Thomé (2019), a relação entre História e quadrinhos demonstra uma compatibilidade, por mais que ainda exista uma desconfiança acerca da responsabilidade epistemológica e ética na liberdade criativa da HQ que não segue o rigor historiográfico. O autor reconhece essa relação e classifica os quadrinhos que se dedicam à temática histórica como um subgênero específico: os "quadrinhos históricos". Portanto, tais produções gráficas contêm historicidades, narrativas, mudanças, permanências, conflitos, vivências e dentre outros conceitos históricos que devem ser pensados como já abordado. No que compete ao ensino, mas também em como tal material alcança o público e de que forma esta arte faz refletir e pensar o passado.

É válido destacar que em meio ao contexto de institucionalização da História Pública, entre as décadas de 1970 e 1980, estavam ocorrendo às produções e a comercialização de quadrinhos já consolidados como *graphic novels*, como os já mencionados anteriormente *Maus e Gen*, por exemplo. Tanto a urgência da História Pública como os temas dos quadrinhos abordando assuntos históricos seriam um sintoma do crescente interesse de maiores audiências pela História? (Ribeiro, 2022, p. 43)

A História Pública se relaciona diretamente com os quadrinhos de forma única, através da divulgação histórica, do uso de diferentes mídias, da adaptação de obras, novas versões de eventos históricas e da apresentação popular do passado. Essa relação se aprofunda quando os quadrinhos transcendem o mero entretenimento, incitando debates e reflexões em diversas áreas do conhecimento. As Histórias em Quadrinhos (HQs) vão além do mero entretenimento, assumindo um papel importante no debate de temas cruciais para a sociedade contemporânea. Através das construções das narrativas com bases históricas, as HQs conseguem abordar temas questões como racismo, gênero e biografias de figuras históricas, promovendo a reflexão crítica e o engajamento público.

Abordar e contextualizar a história de vida de diferentes pessoas, de diferentes locais e com experiências diversas é relevante para a História Pública, em razão de as próprias relações com o passado abordado por essas pessoas também são um meio de se divulgar o conhecimento histórico, conhecimentos estes que são feitos por pessoas externas ao meio acadêmico. Nesse sentido, a escola é o melhor espaço para divulgação do campo da História Pública, pois segundo Almeida (2018), a escola assume uma função primordial na história pública, pois atua como um espaço de diálogo entre diversos indivíduos em sociedade. Professores, estudantes, historiadores e outros profissionais convergem nesse ambiente, construindo uma oportunidade relevante para a democratização do saber histórico.

Através do espaço escolar, o conhecimento histórico transcende a universidade e se conecta com o local que os alunos advêm, assumindo diferentes meios e linguagens. A utilização de debates, exposições, projetos interdisciplinares, filmes, e outras ferramentas permitem que a pesquisa histórica atinja públicos diversos, promovendo a reflexão e o diálogo crítico sobre o passado. Nessa perspectiva, a escola deve ser entendida como um local para a construção e o debate sobre de que forma a memória coletiva pode ser mais inclusiva e plural, onde perspectivas e diferentes vozes são valorizadas. A história pública, ao se colocar no ambiente escolar, contribui de forma imediata para a formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes de compreender o passado através de suas problemáticas e os reflexos vigentes até hoje, e agir no presente de forma autônoma, consciente e responsável.

CAPÍTULO 3 – ABORDAGEM METODOLÓGICA

A presente dissertação é de uma Pesquisa de natureza qualitativa e aplicada com objetivos exploratórios, pois se preocupa não apenas em estudar ou compreender os fenômenos analisados, mas em desenvolver ou solucionar as respectivas problemáticas. Como já abordado anteriormente, esse problema se situa em entender as ações em relação aos patrimônios vigentes do Cabula, baseado nos três eixos geradores. Logo, a pesquisa busca, como solução mediadora de aprendizagem, não só a análise, como também a aplicação e produção de um material que se torne efetivo para a comunidade a qual aborda. Mediante a isto, também foi aplicado ao processo metodológico os aspectos que correspondem a uma pesquisa colaborativa, pois a construção da solução mediadora de aprendizagem parte de uma construção procedimental que abrange os estudantes, professores e comunidades na pesquisa educacional.

Uma das dificuldades da pesquisa foi a resistência dos estudantes em produzir as narrativas gráficas com receio de piadas ou bullying. Tal prerrogativa exigiu uma remodelação metodológica acerca da construção da solução mediadora de aprendizagem através do uso da plataforma Pixton para a elaboração dos quadrinhos. Além disso, a não

realização da visita ao Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá demandou o uso de pesquisas secundárias em vez da coleta de dados de campo diretos sobre esse patrimônio. Por fim, o excesso de cópias e semelhanças restringiu a seleção das histórias presentes no produto final.

A pesquisa demonstra um compromisso ético em relação aos participantes, em principal ao que confere aos estudantes, ao seguir os trâmites do comitê de ética e utilização da plataforma Pixton para preservar a identidade dos estudantes. Enquanto pesquisador-docente, foi realizado uma revisão e edição rigorosa, ao verificar a ortografia, linearidade, conceitos históricos e uso de imagens para a garantir integridade do material. A validação inicial foi feita pelos estudantes, como também pela comunidade ao ser publicizada no repositório com espaço para críticas, opiniões e reformulações do produto.

3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA COLABORATIVA

O procedimento científico é basilar na construção de um trabalho acadêmico que possa ter êxito em seu objetivo de pesquisa, desde a institucionalização dos espaços universitários como detentores de conhecimento se notou, em grande parte ainda é visível que há uma hierarquização do conhecimento, no qual o pesquisador da universidade é o representante e detentor do conhecimento, enquanto a escola apenas deve apenas receber e propagar esse conhecimento. Segundo Ludke (2006), esse viés advém da herança positivista de que deveria manter um distanciamento entre o pesquisador e o objeto de pesquisa com o intuito de legitimar a pesquisa científica ao enfatizar o caráter objetivo do procedimento de pesquisa.

De acordo com Desgagné (1997), pesquisa colaborativa parte de uma investigação do conhecimento que esteja ligado a uma prática de ensino que faça parte dos professores e partícipes, além disso, estes podem colaborar na construção do conhecimento que envolve a elaboração da produção científica. Essa perspectiva de pesquisa corrobora com a proposta desta dissertação, por ser pensada como uma proposta ativa dos estudantes, professores e comunidade no que confere ao desenvolvimento da solução mediadora de aprendizagem que foi construída. Para isso, as etapas de construção da dissertação foram projetadas para que este material não fosse um produto pré-definido, portanto, como será discutido posteriormente nas etapas de formação e produção do material, os estudantes e comunidade foram ouvidos para os ajustes e modelagem do material. Dessa maneira, indo de encontro ao que propõe a pesquisa colaborativa é primordial [...] todos os agentes tenham voz para colocar suas experiências, compreensões e suas concordâncias e discordâncias em relação aos discursos de outros participantes e ao seu próprio”. (Magalhães, 2004, p. 75). Portanto, foi preciso,

enquanto pesquisador, considerar o contexto da prática escolar que estava inserido, a realidade dos estudantes, os conhecimentos que estes já possuíam sobre os temas abordados e realizar uma mediação para obter um resultado satisfatório com todos os partícipes do projeto.

3.2 ETAPAS DA PESQUISA

Para que a pesquisa alcançasse êxito, foi preciso uma abordagem procedimental, com algumas etapas a serem seguidas. Partindo do que propõe Anadon (2007) acerca das etapas que definem os aspectos de uma pesquisa colaborativa, a parte procedimental foi dividida em três etapas: co-situação, co-operação e co-produção. Acerca destas etapas explanam Fabricia Teles e Ivana Maria Ibiapina (2009):

A primeira é a de co-situação, momento da incorporação dos partícipes na investigação. Esse momento deve ser construído para que os envolvidos passem a sentir vontade (volição) de colaborar ao se inserirem no grupo. É nessa etapa em que se dão as negociações e a inserção em projeto que visa contribuir para a construção de saberes tanto para a comunidade escolar quanto para a científica. A segunda etapa foi denominada de co-operação, diz respeito à apreensão dos dados da pesquisa. É a predisposição do professor em fornecer, por meio das reflexões, o material que servirá de análise tanto ao pesquisador quanto ao próprio professor. A terceira etapa é a coprodução, também denominada de co-construção. Essa etapa incide no processo de pesquisa como um todo, desde a organização, até a análise dos dados feita em colaboração ou não com o professor. As etapas citadas são realizadas por meio de um processo dinâmico que procura não sobrepor uma etapa à outra. (Ibiapina, Teles, 2009, p.5)

As etapas foram apresentadas inicialmente aos estudantes com a proposta da pesquisa, qual seria o papel que eles iriam desempenhar e as formações e ações que seria realizada no percurso da investigação. Dessa maneira, as etapas foram divididas da seguinte forma, sendo a primeira etapa co-situação, nesta ação foram apresentados os temas geradores, de forma a situar o estudante os conceitos abordados, discutindo também suas opiniões e pensamentos acerca do tema, além de explicar o cronograma das visitas técnicas e a elaboração da história em quadrinhos.

A segunda etapa, a co-operação, foram realizadas a coleta de dados através das visitas técnicas guiadas, para o conhecimento mais próximo dos respectivos espaços, além da pesquisa pessoal realizada pelos estudantes para dar robustez a sua própria produção em quadrinhos. A terceira etapa foi a co-construção, sendo a oficina para a produção das histórias em quadrinhos, com a amostragem dos modelos, temáticas e como esse aluno poderia produzir essas histórias, inserida nessa etapa também se encontram edição e a publicização digital desse material didático, perpassando por uma validação da comunidade, estudantes do colégio, indo de acordo com o que propõe uma pesquisa de caráter colaborativa.

Os colaboradores da pesquisa são: o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, 19º Batalhão de Caçadores do Exército e a Escola Estadual Visconde de Itaparica e entre outras moradores que fazem parte do Cabula como validadores da aplicabilidade da pesquisa. Assim como também estão ligados aos temas geradores, pois são nesses primeiros espaços onde as visitas técnicas serão realizadas.

3.2.1 ETAPA 1: CO-SITUAÇÃO

Inicialmente foi apresentada a intenção da pesquisa aos estudantes, abordando os objetivos e qual o papel que eles teriam na construção dessa dissertação. De forma breve, conversamos sobre suas expectativas e iniciamos a formação a partir de alguns conceitos como: patrimônio, bairro, comunidades quilombolas, preservação ambiental e religiosidade, a proposta foi de estabelecer um diálogo para se ter uma noção dos conhecimentos prévios e reflexões importantes dos estudantes acerca dos temas que seriam mais explorados no decorrer da pesquisa.

Durante as conversas, foi percebido que muitos não reconheciam elementos patrimoniais no bairro onde moravam, na visão dos estudantes, o bairro não possuía construções ou objetos suficientemente antigos para serem considerados patrimônio. Na concepção dos estudantes, o que eles entendiam como patrimônio eram apenas os locais antigos ou prédios históricos. Após essa percepção inicial, foi realizado um debate para ampliar o entendimento sobre o conceito de patrimônio, apontando os tipos de patrimônios materiais e imateriais. Indo de acordo com o que cita o Art. 216 da Constituição Federal (1988) que conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Durante esse processo, os estudantes foram questionados sobre quais elementos patrimoniais poderiam ser identificados no bairro. Alguns mencionaram a Mata do Cascão, o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá e outros elementos locais. A primeira proposta de ação consistiu em pesquisar a história do bairro e a formação do quilombo. O cronograma e as atividades foram planejados de forma a estimular perguntas que orientassem as pesquisas, servindo também como base para a produção das histórias em quadrinhos.

Os dados foram coletados através das visitas técnicas, que serviram de base para a produção de histórias em quadrinhos. Nessas visitas, os alunos produziram relatórios, textos, pesquisas e fotografias, esses elementos serviram como fontes para que o aluno produzisse

então a sua própria história. As produções das HQs partiram inicialmente do olhar dos alunos, ou seja, são suas experiências nas visitas e suas pesquisas que nortearam a construção do material, cada estudante foi responsável pelo próprio tema e se inseriu na história, ao produzir na arte gráfica suas vivências, os aprendizados com a visita, o que ele compreendeu, o que achou que poderia ser feito para resolver ou conscientizar sobre as problemáticas.

Enquanto docente e pesquisador, participei ao fazer o trabalho de revisão e edição final. O trabalho de revisão pressupõe fazer a correção de ortografia, conceitos históricos, linearidade na escrita, uso correto de imagens, como uma forma de atender os pressupostos éticos que o comitê de ética impõe. No que refere a edição final e remodelação do produto, como melhor será apresentado, houve uma adequação e padronização das histórias em quadrinhos com o uso do site Pixton.

Na segunda formação, que ocorreu entre os dias 29 de julho e 1º de agosto, foi debatido sobre a importância do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, destacando sua importância para a comunidade local, história e quais os motivos que o levam a ser considerado um patrimônio. No colégio há um projeto permanente relacionado ao combate ao bullying, em boa parte das ocorrências houve casos de intolerância, por isso, foi feito esse ajuste no projeto de pensar esse espaço religioso não apenas como um patrimônio, mas também como uma forma de aprendizagem e combate à intolerância religiosa, ao promover um maior conhecimento acerca do espaço e da importância da pluralidade religiosa.

Nesse contexto, foram discutidas questões como: "O que é religião para você?", "Por que as pessoas seguem uma religião?" e "Quais são as formas comuns de manifestação religiosa no mundo?". Essas reflexões visaram promover o respeito às diferentes crenças e ressaltar os danos causados pela intolerância religiosa. A partir das questões, os estudantes puderam compartilhar seus pensamentos acerca de suas visões de mundo, conceitos, experiências que vivenciaram acerca da intolerância religiosa e preconceitos, vale pontuar que esta concepção é compreendida a partir de um "Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto" (Michaelis, 2009, s/p), ou seja, no diálogo os estudantes afirmavam que muitos dos pensamentos que tinham acerca de outras religiões ocorriam devido a desinformação, seguindo a essa proposta foi apresentado a razão que levou a criação da Lei 11.635/2007 que institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa e da data que busca combater a intolerância religiosa.

Como proposta de ação, foram levantados algumas questões relacionadas ao tema que também serviriam de base para a montagem das histórias em quadrinhos, como: Qual a importância do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá para a história do bairro? O que define o terreiro

enquanto patrimônio? Qual a importância de se combater a intolerância religiosa? De que forma você, enquanto estudante, pode fazer para termos uma sociedade menos intolerante? Tais perguntas serviram de norte para a produção do roteiro da narrativa gráfica, a ideia pensada é que nesta ação o estudante inserisse, além das pesquisas realizadas para a resolução das perguntas sugeridas, que ele pudesse pensar em quais ações ele enquanto cidadão em formação, também pudesse fazer para alertar sobre um problema social vigente em seu meio.

Imagem 06– Formação sobre o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 1 de agosto de 2024

A terceira formação, realizada nos dias 7 e 8 de agosto, abordou a importância do patrimônio ambiental, com destaque para a Mata do Cascão, local onde seria realizado posteriormente a que apresenta imagens aéreas das zonas de matas do cabula mostrando as diferenças entre 2003 e 2020, pontuando como o avanço imobiliário e a falta de ações públicas para a preservação desses espaços, os alunos também sinalaram os locais onde viviam e algumas de suas lembranças ao citarem antigos espaços de mata que foram destruídos para construção de casas ou empreendimentos.

Nesta perspectiva, o intuito debatido com os estudantes foi feito pensando em como a ação humana vai degradando o espaço ambiental e como a deteriorização desses espaços é prejudicial para o nosso meio. Foram debatidas questões como: “Quais mudanças e permanências você consegue notar em sua vivência no bairro?” “Qual é a importância de preservar o meio ambiente?”, “Por que a Mata do Cascão é considerada um patrimônio natural?” e “Qual é o papel do 19º Batalhão de Caçadores na proteção desse espaço?”. A proposta das informações foi entender, primeiramente, quais são as visões e concepções que os alunos possuíam acerca do seu espaço, especialmente do bairro onde vivem, e assim foi incutido o debate para construir novos conceitos, ressaltando que as perguntas e respostas dos estudantes, juntamente com os debates, serviram de material para a produção das histórias em quadrinhos.

Imagem 07 – Formação sobre a mata do cascão



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 8 de agosto de 2024

3.2.2 ETAPA 2: CO-PRODUÇÃO

A primeira etapa da co-produção foi realizada entre os dias 21 e 22 de agosto, esta apresentou o Museu Virtual do Quilombo do Cabula (www.museudocabula.com.br), a proposta da ação foi identificar os elementos que constituíam as características quilombolas antes de iniciar, propriamente, a apresentação desse espaço interativo. Antes da introdução ao museu virtual, houve uma conversa e um diálogo sobre as visões dos alunos e o que eles compreendiam sobre a história do bairro. Os estudantes compartilharam relatos de seus pais e avós sobre como o bairro era antigamente, mencionando, por exemplo, a existência de laranjais e lembranças de seus avós tomando banho no rio do Cascão. Quando questionados se conheciam ou já tinham ouvido falar do passado quilombola do bairro, poucos tinham conhecimento desse fato histórico. A partir disso, foi iniciado um questionamento sobre o que eles entendiam e enxergavam sobre o que definia um quilombo. Com base nas experiências escolares, nos meios de comunicação e nos conhecimentos prévios, os alunos chegaram ao consenso de que um quilombo era um local de refúgio para escravizados. Diante dessa compreensão, o museu foi apresentado e explicado também que o bairro, o espaço onde vivem e por onde circulam no dia a dia, também faz parte desse legado quilombola. Durante a apresentação, foi solicitado que anotassem em seus cadernos os elementos que observavam, utilizavam ou consideravam mais interessantes e aspectos que chamavam sua atenção e caracterizavam esse quilombo.

O Museu Virtual do Quilombo do Cabula possui elementos históricos de Salvador, conectando o presente ao passado, pois além das fontes dos períodos, há também imagens atuais para situar o visitante. À medida que o material era apresentado, ficou evidente como os estudantes reconheciam certos espaços, como antigas freguesias, igrejas e travessias, que mudaram com o passar do tempo, mas mantinham alguns nomes e referências comuns aos

estudantes.

Por ser um museu interativo, em algumas etapas do trajeto foi possível ouvir personagens que fazia parte do quilombo, abordando suas funções, explicando sobre si e o território, tal experiência permitia aos estudantes compreender que a proposta de refletir e olhar para o museu virtual não era apenas vislumbrando o formato do quilombo, como também as pessoas que viviam e o que faziam elas lutarem para preservarem o local. Havia uma curiosidade latente em entender, por exemplo: "Nossa, existiam tantos rios aqui, e hoje não há mais?", "O que aconteceu com essa vegetação?", "Havia tanta mata antes?" Entre as áreas mais preservadas, destacou-se a Mata do Cascão, assim como, surgiu o questionamento sobre quem eram as pessoas representadas no museu—quais eram suas histórias e por que muitas delas estavam afastadas do centro urbano. Durante toda a experiência, pedi aos alunos que registrassem e sinalizassem não apenas os diálogos e os personagens do quilombo, mas também os elementos do cenário ao redor, para que pudessem compreender melhor o contexto em que essas pessoas estavam inseridas.

A partir do momento em que os alunos adentravam o arraial do Beirú, percebia-se uma maior interação e curiosidade em conhecer figuras históricas que fizeram parte desse local como Mãe Nicácia, José, Simão e entre outros. Eles queriam saber mais quem eram essas pessoas, como esse espaço foi feito, como viviam, quem foram os personagens históricos dali o que faziam e por que fugiram e como mantinham o quilombo vivo. O museu teve um papel importante na construção da HQ, pois o museu virtual é o “espaço” a ser conhecido que não é físico.

A mata, por exemplo, é um ambiente que ainda pode ser visitado, permitindo uma conexão mais concreta com essa história. Além do terreiro que é tombado enquanto patrimônio e pode ser acessado por estar localizado no bairro dos estudantes, diferentemente do Quilombo do Cabula, que um dia existiu, hoje já não está mais presente fisicamente. Todavia, isso não diminuiu a curiosidade em relação ao museu, pois as fontes, e o uso de imagens atuais do local corroboraram no estabelecimento da relação passado e presente de forma mais fluída. A proposta de ação final nessa formação foi que eles escrevessem como eles apresentariam o quilombo se estivessem inseridos dentro do museu, de forma, que tal construção dessa prévia de escrita fomentaria a construção da sua produção gráfica.

Imagem 08 – Formação sobre o Museu Virtual do Quilombo do Cabula



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 21 de agosto de 2024

A visita técnica ao 19ºBC ocorreu no dia 21 de setembro em dois turnos, pela manhã foram 2 turmas de 9º ano totalizando 64 alunos e pela tarde foram 3 turmas também do 9º ano totalizando 59 estudantes. Em função da escola estar diretamente vinculada ao 19º Batalhão de Caçadores, foi necessário realizar uma caminhada até a parte frontal do prédio, onde os professores, estudantes e funcionários da escola que foram fazer o trajeto foram recepcionados pelo comandante do batalhão junto a oficiais e soldados que apresentaram o espaço e o corpo militar que nos guiaria no trajeto. Inicialmente, foi hasteado a bandeira seguido do hino nacional. Na sequência, ocorreu a apresentação de um estande no qual soldados do exército apresentaram quais as operações desempenhadas naquele espaço, demonstrando os maquinários, alimentação, indumentárias e a missão de proteger a mata nativa.

Devido as comemorações do dia da árvore, o batalhão realizou uma ação juntamente com os estudantes ao plantarem algumas mudas de árvores nativas da mata atlântica marcando um legado de cuidado com a flora e sendo ativo nesse papel de proteção ao espaço natural. Nessa etapa da visita, foi possível notar através, da escuta dos estudantes, a importância de agir de forma direta, pegando em pás, puxando a terra e posicionando as mudas, pois como cita Paulo Freire "A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática". Portanto, a interatividade dos estudantes em uma ação prática de cunho ambiental maximizou os conteúdos debatidos em sala de aula e trouxe outra visão da visita a mata do cascão.

Imagem 09 – Dia da árvore



Fonte: Fotografia registrada pelo @19bc_exercito. 21 de setembro de 2024.

Posteriormente, com suporte dos soldados ocorreu um passeio de viatura a trilha na região da mata do dique do cascão, sendo esta o propósito principal da visita técnica, a orientação aos estudantes foi que no decorrer do percurso registrassem quais elementos da natureza que os chamavam atenção e qual a importância de cuidar desse local, cada vez que nos adentrávamos na mata era perceptível notar nos estudantes como ter esse contato com uma mata que eles viam todos os dias pela janela da sala os proporcionava outra perspectiva daquele espaço. Seguimos até a represa do cascão, no qual o sargento responsável pelo monitoramento ambiental do espaço explicou sobre as ações desempenhadas para manter a fauna e a flora nativa protegida, nisso apresentou também o marco da represa esta que foi feita inicialmente em 1905 para abastecer a “Cidade da Bahia” e atualmente o trecho que corre pelo espaço do exército e que não tem acesso ao público.

Segundo o jornal Correio da Bahia (2018), o local é o único corpo d’água com qualidade satisfatória dentro de Salvador e isso corrobora com sua despoluição em 2009 estando então mais próximo ao seu estado anterior a intervenção humana. Seguindo até a lateral da represa em um espaço aberto no qual os alunos puderam observar a mata com mais calma e fotografar os espaços, não houve como adentrar mais na mata em virtude de zonas escorregadias que poderiam causar um acidente, a visita técnica durou cerca de 2 horas e meia cumprindo o seu papel de imergir o aluno nesse espaço físico.

Imagem 10 – Estudantes percorrendo a trilha da mata do cascão



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 21 de setembro de 2024

3.2.3 ETAPA 3: CO-CONSTRUÇÃO

A produção das histórias em quadrinhos foi a parte que mais exigiu tempo, dos dois turnos que visitaram o espaço e tiveram acesso ao museu virtual, foi restrito apenas ao turno matutino e as duas turmas de 9º ano para um melhor apuramento das produções. Um dos desafios na produção foi o fato da visita ao terreiro Ilê Axé Opô Afonjá não ter sido concretizada, houveram tratativas anteriormente com as dirigências do espaço, inicialmente a babalorixá Mãe Ana de Xangó esteve de acordo com o projeto, indicou os procedimentos, mesmo assim, não houveram respostas e nem prazos para realizar a visita, devido ao cronograma do projeto, os estudantes tiveram que pesquisar e se aprofundar um pouco mais sobre o tema, um dos fatores que auxiliou foi o fato de alguns estudantes conhecerem e visitarem o espaço constantemente, com essa troca de informações os estudantes conseguiram se organizar e se planejar a construção do produto. O objetivo é que fossem produções curtas envolvendo pelo menos dois temas das visitas desde que atendessem alguns requisitos: os personagens das histórias deveriam ser os próprios estudantes e que eles contassem suas experiências ao conhecer os três patrimônios, tanto a arte e escrita ficaram livres aos estudantes.

Foram apresentadas algumas histórias em quadrinhos para servirem de modelo e inspiração aos estudantes a exemplo de Angola Janga, Cumbe, Asterix e Obelix, dentre outras como já discutidas no segundo capítulo, o intuito nesta ação foi analisar e discutir o papel que eles teriam enquanto autores do produto no papel de mediar o conhecimento produzidos por eles enquanto narradores e o público. Segundo Eisner (2005), ao produzir uma história em quadrinhos o narrador deve ponderar as experiências e vivências de si, assim como também

do leitor e utilizar esse instrumentos para facilitar uma imersão na leitura.

Para facilitar a organização, as duas turmas foram divididas em trios, no qual cada integrante seria responsável por um dos tópicos. A escolha dos temas da hq foi livre, cada equipe poderia produzir pelo menos dois das visitas principais, ainda que não tenha ocorrido a visita ao terreiro, foi solicitado que pesquisassem e incluíssem a partir da pesquisa dos estudantes a importância desse patrimônio.

A primeira etapa após a divisão dos trios para a produção das hqs foi a formação para a construção do material em questão, nesse processo os estudantes anotaram os conceitos importantes de se construir a narrativa, como a sinopse, personagens, enredo, cenários, diálogos, tais elementos fazem parte da montagem das histórias a serem construídas. Como também foram apresentados uma variedade de histórias em quadrinhos para os estudantes como exemplos e referenciais para a produção como: Angola Janga, Cumbe, Asterix e Obelix, Mafalda, Maus e A Revolta de Canudos.

Após a essa elucidação, foi apresentado o modelo do roteiro para a produção da história, no qual seriam construídos os diálogos entre eles sobre os patrimônios, a ideia é que conversando entre si eles iniciassem o processo de construção da escrita, nesse momento eles compartilharam suas experiências tanto da visita como também das pesquisas de modo que esse conjunto de materiais produzidos serviram como base da narrativa, foi sugerido que esse diálogo entre eles fossem a base da narrativa, com o intuito de tornar as suas experiências mais visíveis dentro da produção.

Os estudantes tiveram o prazo de 1 semana para a produção do roteiro, dentro desse prazo eles podiam pesquisar mais informações e acrescentá-las em seus diálogos. A próxima etapa foi a entrega dos roteiros para a validação, ainda que os estudantes possuíssem total liberdade para escrever suas experiências essa etapa de validação servia como uma forma de verificar e corrigir erros ortográficos, de continuidade e conceituação histórica.

A segunda etapa foi a que mais gerou complicações, houve uma relutância no que confere em produzir os desenhos que configuram uma história em quadrinhos, foram entregues os modelos com a separação dos quadrados para que eles pudessem desenhar enquanto personagens. Uma das dificuldades encontradas desde o início do projeto foi a ação dos alunos ao introduzir a própria história em quadrinhos. Houve, de certa forma, uma resistência e uma inclinação a não produzir, pois a maioria dos alunos não se sentia confortável para desenhar, com medo de serem rejeitados e alvos de brincadeiras ou piadas relacionadas aos desenhos. Muitos dos que produziram inicialmente ficaram relutantes em expor suas obras, pois temiam sofrer bullying ou ofensas relacionadas aos desenhos. Como o

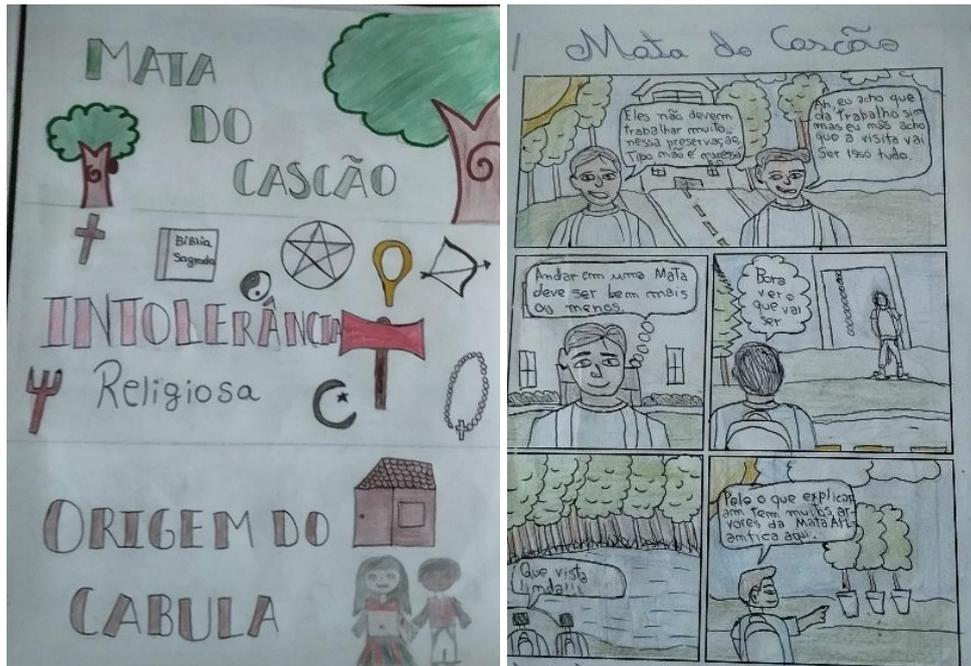
comitê de ética propõe que a produção de menores deve ser feita de forma ética, garantindo que o indivíduo não seja exposto, isso foi pensado a partir da experiência docente. Assim, optou-se por utilizar a plataforma Pixton, acerca disso pontua Amorim (2021):

A plataforma Pixton é uma Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC) que permite produzir quadrinhos on-line, de maneira simples, sem a necessidade de conhecimento técnico de programação. Esse software oferece uma intensa e rápida interação entre os alunos e o professor, possibilitando a construção da história em quadrinhos de forma individual ou coletiva. (Amorim, 2021, p. 11)

Quando a proposta foi apresentada aos alunos, eles inicialmente produziram o roteiro contendo diálogos e falas que refletiam suas experiências e vivências ao conhecer os patrimônios do Cabula, antes de passarem para o material em papel e posteriormente na plataforma. A partir dessa escrita, passou-se para a etapa de revisão e correção ortográfica, bem como de continuidade e conceituação, verificando se todos os dados estavam corretos e se a pesquisa utilizada para acrescentar informações havia sido realizada de forma adequada e científica. Após essa fase de correção e validação, os alunos receberam um modelo de quadrinhos para produzir suas histórias. Os quadros selecionados, anexados na imagem, foram os que melhor atenderam ao objetivo do trabalho. No total, foram entregues cerca de 20 histórias em quadrinhos. Apesar da possibilidade de produção individual, alguns alunos preferiram trabalhar em dupla. Além disso, houve outros alunos que também se mostraram interessados em produzir seus materiais sozinhos.

As produções selecionadas atenderam aos critérios estabelecidos, abordando pelo menos dois dos três patrimônios de forma dialógica. Os alunos trouxeram elementos verificáveis e validados aliados a fotografias e imagens que enriqueceram suas produções. Inicialmente, essas histórias em quadrinhos foram desenvolvidas de forma resumida, com aproximadamente 10 a 12 laudas. Nelas, os alunos desenharam capas, criaram personagens e acrescentaram suas narrativas. Após essa produção inicial e a validação do conteúdo, ocorreu mais uma etapa: a seleção das histórias para compor o projeto "Descobrimo o Cabula". A proposta foi criar um material acessível, curto e de fácil leitura. Como resultado, foram escolhidas cinco histórias que englobavam personagens variados e representavam as duas turmas envolvidas no projeto.

Imagem 11 – Histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 17 de outubro de 2024

Durante esse processo, foi identificado um excesso de cópias entre as histórias, com diálogos muito semelhantes. Por isso, buscou-se diversificar as produções. Para a elaboração dos quadrinhos, os alunos tiveram cerca de três semanas para corrigir os erros apontados no processo de validação e tempo suficiente para desenhar, escrever, pintar e expressar sua arte da melhor forma possível dentro da criatividade das histórias em quadrinhos. A escolha da plataforma Pixton resolveu dois desafios principais. Primeiro, os alunos puderam criar personagens e inserir as fotografias tiradas, possibilitando uma produção visualmente rica. Segundo, permitiu preservar a identidade dos estudantes, garantindo que, mesmo aparecendo na história, eles não fossem facilmente identificáveis. Assim, os alunos conseguiam enxergar sua participação no projeto sem exposição indevida.

3.3 O WEBSITE PIXTON COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O uso das tecnologias na construção e difusão do conhecimento histórico se faz importante no que concerne ao papel que a escola atual deve ter de buscar novos meios de alcançar o estudante que hoje tem acesso a diversas formas de aprender e conhecer mais sobre temas variados. Segundo Soares (2020), o âmbito escolar deve ser entendido como um espaço que valoriza a compreensão e interpretação de novas manifestação e linguagens, sem deixar de lado a cientificidade e a construção de um conhecimento efetivo para os estudantes. Logo,

se faz jus o uso de novas tecnologias de comunicação que possam atingir os estudantes e assim possa ser estabelecida uma melhor relação entre o que é o conhecimento científico e a realidade do discente. Pois, “[...] é importante que a escola acompanhe a evolução tecnológica, para oferecer uma educação de qualidade e em consonância com os atuais processos de mudanças. Para tal, é imprescindível utilizar as tecnologias” (Garcia; Caetano; Nakamoto, 2018, n.p.).

O pixton é uma ferramenta online que produz histórias em quadrinhos podendo anexar imagens, elementos visuais, balões de conversas e mecanismos de customização que permitem ao usuário produzir um material único a partir do seu objetivo na construção do conhecimento. Vale salientar que na apresentação das histórias produzidas pelo autor do material que para além do formato deve se ter noção de organização e padronagem na construção do material, pois como afirma Severo:

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para introduzir um tema, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia. Não existem regras para sua utilização, porém, uma organização deverá existir para que haja um bom aproveitamento de seu uso no ensino podendo desta forma, atingir o objetivo da aprendizagem (Severo, 2015, p. 7).

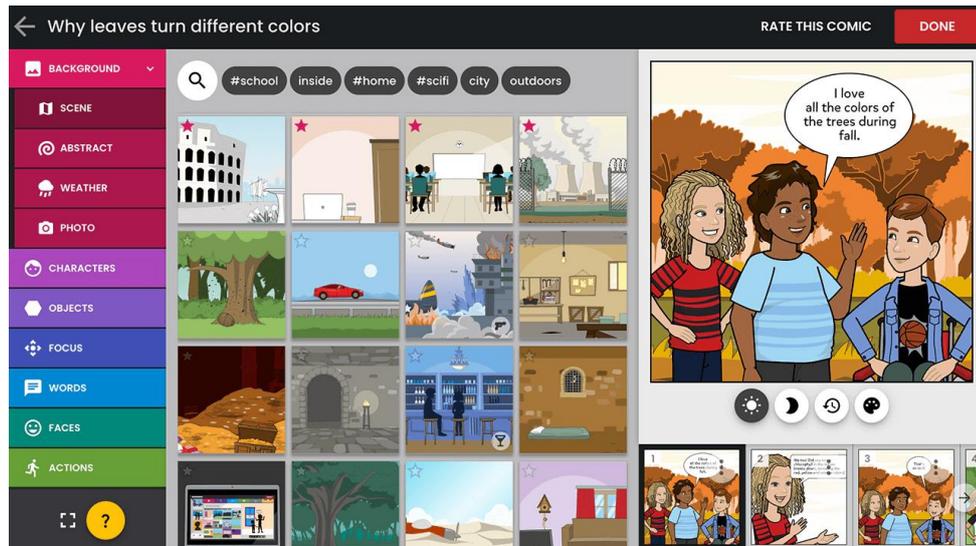
O alinhamento das produções dessas histórias em quadrinhos juntamente com o website se torna intuitivo para o estudante, as ferramentas de edição disponibilizadas pela plataforma, a criação de um avatar personalizado, a possibilidade de acréscimo de fotografias realizadas pelos estudantes juntamente com a orientação do docente, podem produzir materiais historiográficos em uma parceria professor-aluno, no qual ambos podem fomentar novos meios de comunicação de aprendizagem, não só para os estudantes como também para a comunidade escolar. Pois, como afirma do Ó (2011) acerca do que é o website pixton:

Um conjunto de ferramentas possibilita a inserção de personagens, diálogos, elementos, símbolos e fundos. O participante deve definir a cor do pano de fundo, movimentar, rotacionar e redimensionar objetos. Inspirar e motivar os alunos a aprender, dando-lhes liberdade e toda uma nova maneira de expressar as ideias, contar histórias e colaborar de forma criativa em um ambiente particular, essa é a proposta do Pixton. Portanto considera-se o Pixton um ótimo recurso para os professores usarem com seus alunos, sobretudo do ensino fundamental. (do Ó, 2011, p. 5-6)

Corroborando com a fala da autora Ana Paula do Ó, é possível visualizar na imagem abaixo ferramentas que possibilitam essa liberdade criativa na construção das histórias em quadrinhos, se antes era necessário o desenvolvimento de uma habilidade artística na elaboração das artes gráficas, com alguns cliques e a criatividade, utilizando a plataforma qualquer pessoa pode desenvolver sua própria história, com seus próprios temas e particularidades que muitas vezes não são abordadas em produções mais comerciais. Como é

possível notar abaixo, é possível alterar a cena, clima, acrescentar paisagens diversas, fotografias, personagens, objetos, palavras, ações, os tipos de faces que apresentam sentimentos diversos e ações que dão movimento a produção.

Imagem 12 – Interface da plataforma Pixton



Fonte:

<https://appsource.microsoft.com/ptbr/product/webapps/pixtoncomicsinc1592511863166.pixton?tab=overview> . Acesso em 22 de Jan de 2025.

Ao utilizarem o material, os estudantes se tornam sujeito e autor do produto, o website foi escolhido como produto final em vez de se utilizar apenas da produção manual dos estudantes pelos seguintes pressupostos: 1. O receio de sofrer críticas sobre seu estilo de desenho e escrita fez com que os estudantes hesitassem inicialmente em querer publicar o material que produziram, sentindo-se inseguros por não desenharem bem, por mais que a produção não fosse avaliar o cunho artístico ou traço, houve uma aceitação melhor na elaboração das histórias em quadrinhos quando o website foi apresentado, juntamente com um protótipo de como seria o modelo final do produto. 2. A plataforma preserva a identidade dos estudantes, pois dentro da padronização não há como identificar quem foram os estudantes que a produziram. Para preservar a identidade dos estudantes, foram usados nomes fictícios, seguindo os trâmites de autorização. Esse repositório será feito para que a comunidade e as escolas possam fazer comentários, elogios, críticas, apontamentos, quais são seus pensamentos, dialogando com a proposta da História Pública acerca da produção do conhecimento histórico, perpassando por uma validação e construção em conjunta.

Contudo, a implementação do Pixton enfrentou desafios. A plataforma é paga e,

mesmo com o pagamento da licença pelo docente, os alunos precisavam acessar o sistema por meio de e-mails institucionais ou pessoais, que não foram aceitos nos tablets fornecidos pela escola. O uso pelo celular também apresentou dificuldades, a solução encontrada foi que os alunos enviassem suas produções para que o docente realizasse a adaptação integral das histórias selecionadas para o formato final.

Na segunda semana de dezembro, houve uma reunião com os alunos para revisar as histórias, identificar ajustes necessários e corrigir erros de continuidade e pesquisa histórica. Alguns quadrinhos precisavam de mais informações, enquanto outros tinham conteúdo em excesso. Nessa etapa também foi apresentado a primeira modelagem das histórias em quadrinhos dos alunos ao formato, a partir dos apontamentos e discussões do mesmo dia.

Imagem 13 – Adaptação do quadrinho “A mata do cascão” para a plataforma Pixton



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 9 de dezembro de 2024

A alteração no capítulo “A mata do cascão” foi realizada pelos estudantes no que concerne a adaptação do fundo da narrativa gráfica, como já dito anteriormente, a plataforma pixton abre possibilidades no que concerne a edição dos personagens que foram adaptados de acordo com os traços dos estudantes como também as fotografias tiradas pelos próprios alunos na visita do espaço, então é visível nessa produção uma variedade de produção artística ao incluir a fotografia, juntamente as falas e imagens produzidas pelos discentes.

Imagem 13 – Adaptação do quadrinho “Conhecimento juvenil” para a plataforma

Pixton



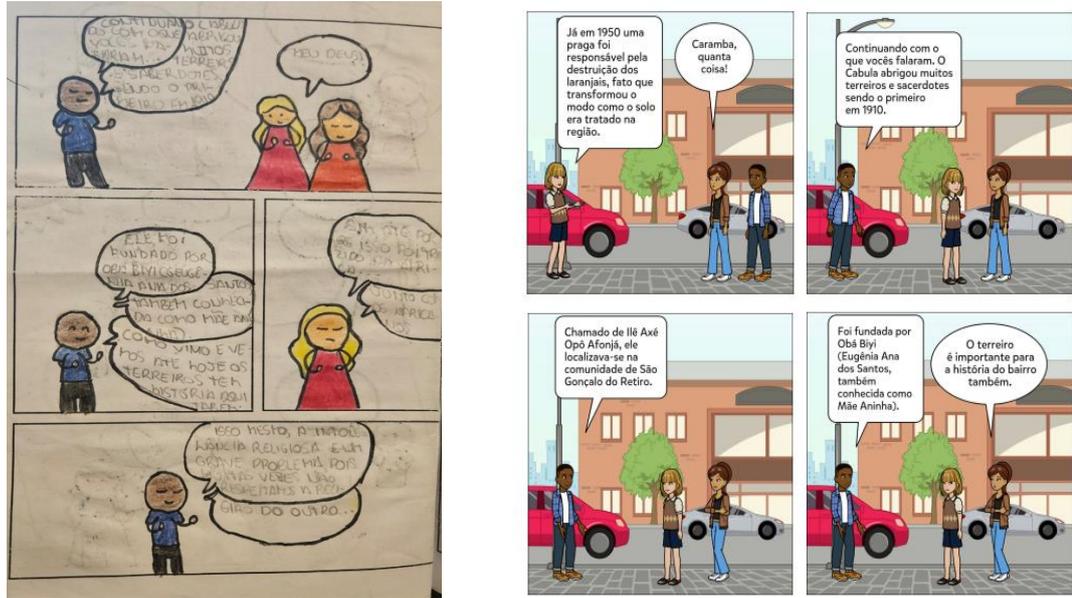
Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 9 de dezembro de 2024

Na modulação dessa página da arte gráfica as estudantes expõem um fato que tinham presenciado e queriam usar esse trecho para detalhar a situação ocorrida. Vale salientar que a escolha de abordar o papel de intolerância religiosa partiu dos próprios estudantes, é importante enfatizar esse produto como uma proposta artística que parte das experiências e vivências dos estudantes, tendo nestas suas inquietações, opiniões e dúvidas em relação ao mundo que os cerca. Neste cenário, mesmo que no desenho houvesse apenas o diálogo e não a ambientação, os estudantes na remodelagem solicitar a inclusão do espaço como forma de dar mais imersão e veracidade ao ocorrido. Por isso, a perspectiva da narrativa gráfica incluir texto e imagem possibilita uma compreensão maior acerca da intencionalidade do autor, torna-se visível o que ele pretende exprimir através do material.

As histórias em quadrinhos comunicam numa “linguagem” que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de texto. A história em quadrinhos pode ser chamada “leitura” num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo. (Eisner, 1999, p. 5 e 7)

A partir do que feito dito por Eisner, a linguagem promovida pelas histórias em quadrinhos é mais acessível no processo de leitura ao promover uma imersibilidade do que o autor propõe na sua produção, inserindo sua visão de mundo dentro da arte gráfica e compartilhando ao público os elementos que constituem sua forma de pensar.

Imagem 14 – Adaptação do quadrinho “Histórias do Cabula” para a plataforma Pixton



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 9 de dezembro de 2024

Como já pontuado, a adaptação para a plataforma do Pixton, seguiu a estrutura narrativa proposta pelos estudantes, nessa etapa foram apresentadas as possibilidades que a plataforma fornecia. Nesse sentido, os discentes sugeriram as modificações feitas no dia que incluíam as fotografias tiradas pelos estudantes no passeio da mata do cascão, as capturas de tela do museu virtual do quilombo do Cabula e a inclusão de outras imagens retiradas da internet ou vídeos, como forma de aprimorar suas produções. Com isso, foi sinalizado os erros de continuidade, conceitos e outros elementos que em diálogo tornaria a narrativa mais coerente. Os alunos tiveram mais duas semanas para adaptar suas histórias ao formato do Pixton, revisando roteiros e informações antes da versão final.

Imagem 15 - Reunião com os estudantes - Imagem 8



Fonte: Fotografia registrada pelo autor. 9 de dezembro de 2024

Durante a modulação final dos quadrinhos, ainda ocorreram alterações conforme o feedback dos alunos. Alguns quiseram modificar imagens, falas ou personagens que os representavam. Apesar da impossibilidade de uma representação fiel, foram feitas adaptações para atender às preferências visuais dos estudantes. A capa foi concebida pelo docente responsável, utilizando uma fotografia aérea do bairro do Cabula, incluindo o Lago do Cabula e outros elementos do local, dando ênfase aos protagonistas das histórias; já a posição de cada um, foi escolha dos próprios autores de como gostariam que seus personagens fossem vistos.

O título foi posicionado na parte superior, enquanto na parte inferior foi inserida a frase "Escritas e vivências dos Estudantes da Escola Estadual Visconde de Itaparica e sua relação com o bairro", enfatizando o objetivo principal das histórias em quadrinhos, situando os estudantes como produtores de arte. Segundo Fronza (2012), as histórias em quadrinhos não se restringem a serem extensões das artes e da literatura, são uma arte singular, que possui linguagem própria ao possuir uma circularidade de imagem e palavra, produzindo uma fonte de cultura histórica em sua delimitação de espaço e tempo.

Ao delimitar espaço e tempo por meio de seus quadros e sequências narrativas, os quadrinhos constituem uma fonte rica de cultura histórica, registrando visões de mundo, contextos sociais e valores de determinada época. Dessa forma, afirmam-se como um meio legítimo de produção de conhecimento e representação simbólica na cultura contemporânea.

Imagem 16 - Capa da solução mediadora de aprendizagem



Fonte: História em quadrinhos. Acervo do próprio autor. 10 de janeiro de 2024

A formatação dos quadrinhos seguiu um modelo padrão, semelhante ao de histórias em quadrinhos tradicionais, com uso de fontes e layout específicos, seguindo uma padronagem usual desse formato de arte gráfica tendo a validação dos estudantes para conferir se a produção remodelada estava de acordo suas preferências. Optou-se por não detalhar características pessoais dos personagens com o intuito de preservar as imagens dos estudantes. Os nomes dos personagens também foram modificados para que não houvesse uma identificação. A imagem central, composta por avatares dos estudantes de diferentes perfis, representa a diversidade racial e de gênero, promovendo inclusão e identificação com o público escolar. O fundo desfocado da cidade enfatiza o bairro do Cabula como cenário principal da narrativa.

Imagem 17 - Página inicial da solução mediadora de aprendizagem



Fonte: História em quadrinhos. Acervo do próprio autor. 10 de janeiro de 2024

Os temas das histórias se repetiam, mas cada aluno trouxe uma visão diferente sobre o patrimônio local, abordando as imagens, pesquisa e figuras do espaços com diferentes olhares para diversificar a escrita e tornar a leitura mais atrativa para o público. O museu virtual do quilombo do Cabula foi inserido seguindo também essa proposta, já na etapa de co-produção

foi sugerido que eles anotassem e sinalizassem posteriormente como eles iriam inserir seus personagens dentro do museu com o intuito de fazer um “percurso” e apresentar o espaço. Para diversificar as produções, discutiu-se a inclusão desses elementos de apresentação do museu em diferentes formatos, como em celulares ou computadores representados no produto final, embora não seja extenso, atendeu aos objetivos propostos. Nem todos os planos iniciais foram concretizados, como a visita ao terreiro, que certamente enriqueceria a produção. No entanto, o resultado foi satisfatório: um material acessível, gratuito e adequado para ser publicado e distribuído em escolas.

O próximo capítulo abordará o repositório do Cabula, no qual contém as histórias em quadrinhos sendo publicizadas via instagram para permitir um maior acesso e disponibilidades para qualquer indivíduo, a ideia é que o material não se prendesse apenas a forma tradicional de uma história em quadrinhos impressa, mas atingir um público que utiliza e entende as redes sociais com um meio de interação e também de aprendizado.

CAPÍTULO 4 – REPOSITÓRIO E PUBLICAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DA PÁGINA DE INSTAGRAM @DESCOBRINDO.OCABULA.

Neste capítulo, são apresentadas as relações e os diálogos entre a História Pública e o uso da rede social Instagram, com foco no repositório @descobrindo.cabula. Destaca-se o papel da História Pública na divulgação e democratização do conhecimento histórico, ressaltando o Instagram como um espaço de interação e comunicação entre o saber histórico e o público. A rede social é compreendida como um ambiente dinâmico que favorece a circulação de conteúdos e o engajamento dos usuários, contribuindo para o fortalecimento de uma perspectiva participativa da história.

A solução mediadora de aprendizagem, composta pelas histórias em quadrinhos, foi divulgada e propagada nesse espaço digital, evidenciando a importância da atuação docente na produção e disseminação de conteúdo histórico em ambientes interativos e acessíveis ao público-alvo. Ainda neste capítulo, discute-se a aplicação de um formulário via Google Forms, elaborado com base na escala de Likert, com o objetivo de avaliar a recepção do material pelos estudantes e obter feedback sobre a proposta pedagógica.

4.1 DIÁLOGOS DA HISTÓRIA PÚBLICA E A REDE SOCIAL INSTAGRAM NO ENSINO DE HISTÓRIA

Um dos objetivos da História Pública está em divulgar e publicizar os conhecimentos históricos de modo a atingir uma parcela maior da população. Como já abordado, esse olhar de como o conhecimento é propagado possibilita uma maior aproximação entre os

pesquisadores e o grande público. A história pública pode contribuir ao compartilhar saberes na formação de uma sociedade mais esclarecida, democrática e crítica. Partindo do que foi dito, é importante que os historiadores se façam presentes e utilizem tais plataformas como uma forma de não só publicizar os conhecimentos, mas como também combater os conteúdos de história que são divulgados sem rigor científico ou mal-intencionados. Em relação a isso, afirma Bruno Leal Carvalho:

A presença dos historiadores nas redes sociais na Internet é ainda mais desejável porque esses espaços são frequentemente inundados por conteúdos de história de má qualidade, incompletos, imprecisos, errôneos e até mesmo mal-intencionados. Ocupar estes espaços com editores comprometidos com a circulação e a recepção responsável do saber histórico é fundamental para combater a entropia que ameaça boa parte da Internet. (Carvalho, 2016, p.7)

A utilização da rede social *Instagram* como espaço de repositório de conteúdo foi adotada em razão de sua ampla disseminação entre os usuários, alcançando um público diversificado e inserindo-se de maneira significativa tanto no cotidiano quanto no ambiente digital de grande parte da população. Essa plataforma permite múltiplas formas de interação, como a possibilidade de curtir, comentar e compartilhar publicações, o que favorece a expressão de opiniões, críticas, acréscimos informativos e o estímulo ao debate de ideias. Ademais, ao possibilitar o compartilhamento de conteúdo, o *Instagram* amplia consideravelmente a publicização do material divulgado, contribuindo para sua difusão em redes de alcance ainda maior. Dessa forma, a escolha por essa rede social objetiva expandir a circulação do produto final — as histórias em quadrinhos — garantindo-lhes maior visibilidade do que teriam caso fossem disponibilizadas exclusivamente no formato impresso tradicional.

Acerca do que foi enunciado:

A plataforma *instagram* possibilita uma grande gama de ferramentas que facilitam o contato com os seguidores, a exemplo das interações por stories: enquetes, votações, caixas de perguntas, etc; da seção de comentários das postagens; e dos reels. Além disso, na página insights estão disponibilizadas as informações de visualização e dados específicos dos seguidores, o que auxilia a compreensão sobre quais os elementos que estão funcionando nas postagens. (Soares, Lopes e Bonete, 2024, p.16)

A maior interatividade possibilitada pela plataforma contribui para que a noção de história pública ultrapasse o mero ato de publicização do conhecimento histórico, promovendo uma dinâmica de trocas entre o pesquisador, o conteúdo historiográfico e as múltiplas variáveis envolvidas nesse processo. Nesse contexto, o pesquisador pode utilizar esse espaço virtual não apenas para divulgar informações, mas também para esclarecer dúvidas, receber comentários, estimular debates e identificar padrões de interesse do público.

Por meio da análise de dados de engajamento como curtidas, comentários e compartilhamentos, torna-se possível compreender quais temas ou abordagens despertam maior atenção e envolvimento. Assim, a plataforma configura-se como um espaço de interação ativa, no qual o historiador, sob a perspectiva da teoria da história pública, encontra oportunidades ampliadas para a disseminação e apropriação social do conhecimento histórico.

O @descobrindo.ocabula não deve ser compreendido como uma conclusão definitiva de um projeto, mas sim como uma produção em constante reelaboração, passível de ser repaginada, discutida e enriquecida, tanto pelos estudantes quanto pela própria comunidade. Trata-se de um espaço que favorece o debate público e a participação social, no qual diferentes sujeitos, sejam moradores do bairro do Cabula ou não, podem expressar suas opiniões e contribuir com novas perspectivas. As histórias em quadrinhos produzidas perpassam diversas temáticas, que incluem desde a preservação ambiental e o patrimônio religioso até a valorização da identidade do bairro, compreendido historicamente como um território quilombola e, atualmente, inserido na lógica de um quilombo urbano. Dessa forma, o material apresentado configura-se como um produto dinâmico, em constante transformação, acompanhando as múltiplas dimensões e narrativas que emergem da interação entre memória, território e comunidade.

Produzir conteúdo histórico no Instagram oferece aos educadores a oportunidade de usar diversas linguagens e formatos, desde textos sucintos e informativos até imagens e vídeos que podem representar de forma mais tangível períodos, eventos ou figuras históricas. Essa capacidade de se adaptar ajuda a desenvolver narrativas históricas mais cativantes e acessíveis, tornando mais fácil para o público compreender e se envolver com o conhecimento histórico. (Araújo, 2024, p. 103)

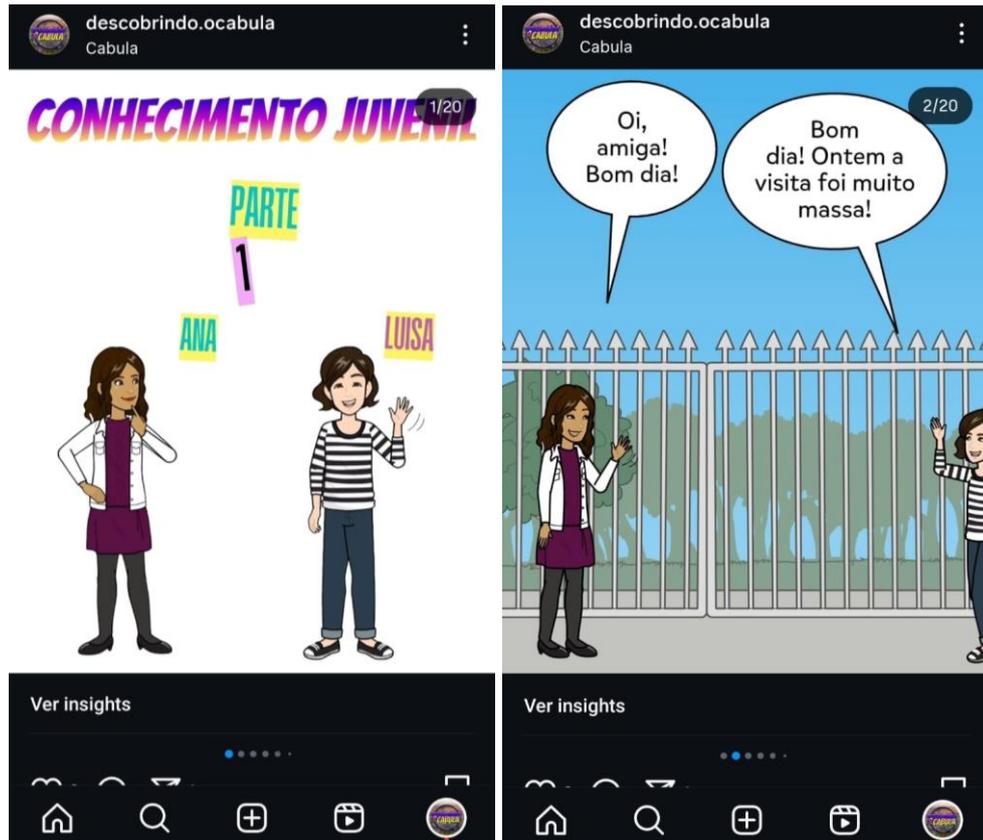
Conforme abordado nos capítulos anteriores, a solução mediadora proposta articula a leitura com elementos visuais, visando à construção de um material mais acessível, dinâmico e condizente com as especificidades das histórias em quadrinhos enquanto linguagem híbrida. Nesse sentido, a utilização da plataforma digital amplia significativamente as possibilidades de disseminação e recepção do conhecimento histórico, ao incorporar recursos interativos e formatos adaptados ao consumo contemporâneo de informações. A convergência entre texto e imagem, potencializada pelos meios digitais, não apenas facilita a compreensão de conteúdos complexos, mas também torna a experiência mais atrativa e envolvente para o público-alvo. Assim, a proposta não se limita à transmissão de informações, mas configura-se como uma estratégia pedagógica que valoriza a mediação cultural e a construção coletiva de sentidos históricos, promovendo maior engajamento com os temas abordados.



Fonte: Fotografia registrada pelo próprio autor.

Além da possibilidade de leitura da história em quadrinhos no formato impresso tradicional, a utilização da página na plataforma Instagram propicia uma experiência interativa que desconstrói, em certa medida, o formato convencional de leitura dos quadrinhos, adaptando-o às especificidades do meio digital. Essa adequação permite uma maior aproximação do público com o conteúdo, promovendo novas formas de mediação da aprendizagem, como demonstrado nos anexos referentes à solução pedagógica adotada. A própria historinha em quadrinhos é disponibilizada de forma completa no perfil @descobrindo.ocabula, assim como também é possível fazer a leitura organizada em postagens devido à limitação da plataforma, que permite apenas 20 imagens por publicação. Dessa maneira, os conteúdos são divididos em "parte 1" e "parte 2", sem prejuízo da coerência narrativa. Mesmo diante dessas restrições técnicas, o material permanece acessível como uma história em quadrinhos integral, possibilitando não apenas a leitura, mas também a interação por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos, ampliando o alcance, a recepção e a circulação das histórias divulgadas.

Imagem 19 – Postagens da narrativa “Conhecimento Juvenil” no *Instagram*



Fonte: Fotografia registrada pelo próprio autor.

A estrutura diferenciada das postagens no Instagram permite que o leitor acesse e leia o material de qualquer lugar, desde que possua conexão com a internet e acesso à plataforma, podendo também expressar opiniões e críticas sobre o conteúdo publicado. Essa forma de apresentação dos quadrinhos, com cada postagem organizada de maneira isolada, favorece uma leitura mais dinâmica e proporciona melhor apreciação da arte gráfica. Além disso, a funcionalidade de compartilhamento da plataforma, seja do post completo ou de imagens, contribui significativamente para a disseminação do material entre diferentes públicos. Nesse contexto, observa-se que a organização das histórias em quadrinhos foi estrategicamente pensada: a narrativa foi dividida em duas partes, sendo a primeira responsável por introduzir a trama e a segunda por concluí-la, o que reflete a intencionalidade do trabalho desenvolvido pelos estudantes ao longo do processo. Tal abordagem reforça a dimensão pedagógica e comunicativa do projeto, valorizando tanto a autoria discente quanto a interação com a comunidade, corroborando assim com o que propõe a história pública.

A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida

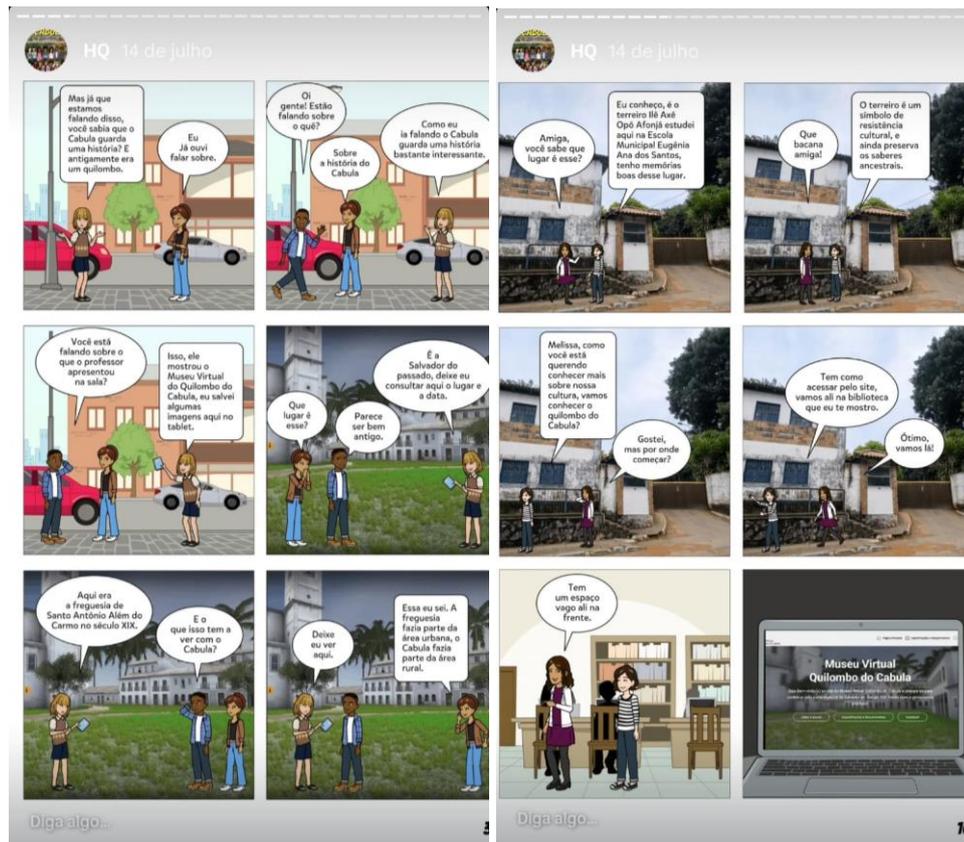
como um ato de “abrir portas e não de construir muros”, nas palavras de Benjamin Filene. (Almeida & Rovai, 2011, p.7)

Outro recurso explorado na plataforma *Instagram* com a intencionalidade de propagar ainda mais a solução mediadora de aprendizagem, foi o uso dos stories como meio de acesso à leitura contínua das histórias em quadrinhos, preservando, sempre que possível, a proposta estética e narrativa do formato original. Nos stories, o conteúdo é apresentado em um enquadramento mais retangular, diferente do formato quadrado tradicional das postagens no feed. Embora essa modalidade de publicação permaneça disponível apenas por 24 horas, é possível estendê-la indefinidamente ao fixá-la na seção de destaques do perfil. Essa estratégia foi adotada com o intuito de facilitar a navegação e o acesso ao material, proporcionando uma experiência de leitura mais fluida. Além disso, há um link para que o leitor ou estudante pudesse baixar o conteúdo completo em formato de história em quadrinhos, conforme consta nos anexos. Assim, o leitor tem a opção de acessar a narrativa diretamente pelo destaque intitulado "HQ", no próprio perfil do projeto, permitindo a leitura integral e sequencial do material, sem a necessidade de percorrer as postagens fragmentadas. Essa alternativa, como se observa na figura abaixo, amplia as possibilidades de fruição e contribui para a valorização do conteúdo produzido.

[...] o Instagram atua como um registro em constante construção, possibilitando a revisitação e reinterpretação das postagens, saciado como um mecanismo histórico suplementar. Educadores e alunos podem aproveitar esse acervo digital, utilizando-o como ponto de partida para discussões mais aprofundadas ou como complemento aos materiais didáticos mais comumente utilizados. A plataforma interativa também estimula a conversa constante, encorajando a revisão e atualização do conhecimento. (Araújo, 2024, p. 104)

Ao possibilitar que as informações ali divulgadas sejam atualizadas, reorganizadas e mantidas visíveis em perfis, destaques e sequências temáticas, essa rede social pode ser compreendida também como um espaço arquivístico contemporânea, em que o histórico das postagens se transforma em um acervo digital vivo, tanto pelas informações como também pelas interações ali colocadas, dialogando com as práticas da História Pública e com as possibilidades pedagógicas do espaço virtual.

Imagem 20 – Destaque HQ



Fonte: fotografia registrada pelo próprio autor

4.2 ANÁLISE DO FORMULÁRIO GOOGLE A PARTIR DA RESPOSTA DOS ESTUDANTES

Com o intuito de subsidiar uma perspectiva analítica sobre a produção do material, foi elaborado um formulário por meio da plataforma Google Forms, no qual consta a descrição do título da proposta e o link de acesso gratuito à solução mediadora desenvolvida. O formulário também contempla um campo para identificar se a pessoa que o responde é moradora do bairro do Cabula. Essa estratégia metodológica parte do princípio de reconhecer as vivências específicas dos sujeitos que habitam o território, considerando que sua percepção sobre os patrimônios locais, frequentemente presentes em seu cotidiano, é essencial para a construção de uma narrativa mais significativa e enraizada. Nesse sentido, a inserção e a participação ativa dos moradores na análise e desenvolvimento do conteúdo tornam-se elementos fundamentais, conferindo caráter colaborativo ao processo de elaboração do material e fortalecendo a articulação entre memória, território e identidade comunitária.

Imagem 21– Seção 1 do Formulário Google

Descobrimo o Cabula: Escritas e vivências dos estudantes da Escola Estadual Visconde de Itaparica e sua relação com o bairro do Cabula, localizado em Salvador, Bahia.

A História em Quadrinhos: "Descobrimo o Cabula" não busca apenas narrar eventos históricos, mas também atuar como uma ferramenta de história pública, convidando a comunidade a se engajar com seu passado de forma significativa e a construir narrativas coletivas. Dito isso, a sua opinião e comentários são importantes para a democratização e colaboração desse projeto de história pública.

* Indica uma pergunta obrigatória

Você pode baixar gratuitamente a HQ "Descobrimo o Cabula", abaixo nesse link!
https://drive.google.com/file/d/1em-6PKDiuJBepnACSRvISNytaTK7YQ4/view?usp=drive_link

Você é morador do Cabula ou já morou no bairro? *

a) Sim

b) Não

Avançar Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Fonte: Fotografia registrada pelo autor, 2025

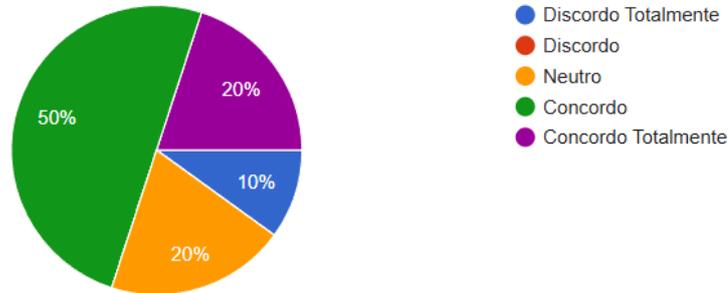
Foram elaboradas cinco questões com base na Escala de Likert (1932), com o objetivo de possibilitar uma análise tanto qualitativa quanto quantitativa do material desenvolvido. Para a aplicação do instrumento, o formulário foi disponibilizado por meio digital aos alunos da Escola Estadual de Visconde de Itaparica do 9º ano, sem caráter obrigatório de participação. O link de acesso ao formulário permaneceu disponível por um período de cinco a seis dias. Dos 22 alunos que compõem a turma-alvo, apenas 10 responderam à pesquisa dentro do prazo estabelecido. Dessa forma, a análise dos dados a seguir considera exclusivamente as respostas desses 10 participantes, reconhecendo-se os limites amostrais, mas também valorizando as contribuições qualitativas expressas nas percepções dos estudantes.

Imagem 22– Questão 1

1º) A história em quadrinhos representou de forma eficaz os patrimônios do Cabula (Mata do Cascão, Quilombo do Cabula, Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá)?

 Copiar gráfico

10 respostas



Fonte: <https://forms.gle/PdUpGRmhEuXkxbRXA>. Acesso em 26 de Jul de 2025

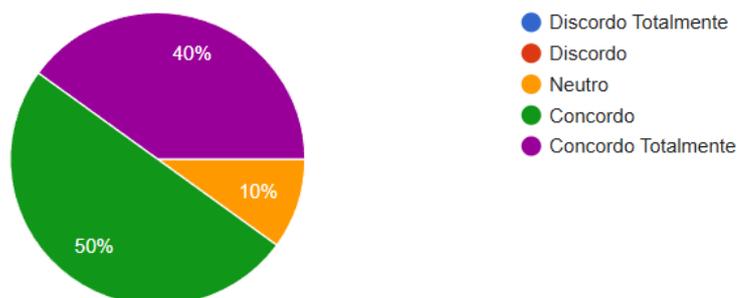
A primeira pergunta do formulário teve como objetivo compreender se a produção das histórias em quadrinhos, bem como a pesquisa realizada, foram eficazes na apresentação dos patrimônios do bairro do Cabula, facilitando a compreensão dos estudantes acerca desses espaços. A partir da análise do gráfico gerado pelas respostas, observou-se que 50% dos participantes afirmaram concordar com a afirmativa, indicando que consideraram eficiente a forma como os conteúdos foram abordados. Esse dado sugere que, para metade dos respondentes, a mediação feita por meio das histórias em quadrinhos contribuiu positivamente para a construção de um olhar mais atento e reflexivo sobre os patrimônios locais apresentados no material.

Imagem 23– Questão 2

2º) Considerando a temática dos patrimônios do Cabula, você considera que esta história em quadrinhos é uma ferramenta valiosa para a educação e valorização cultural?

 Copiar gráfico

10 respostas



Fonte: <https://forms.gle/PdUpGRmhEuXkxbRXA>. Acesso em 26 de Jul de 2025

A segunda pergunta partiu da premissa de que as histórias em quadrinhos, enquanto expressão de arte gráfica, fonte histórica e material didático, podem ser compreendidas como ferramentas valiosas para o processo educativo e para a valorização da cultura e do espaço. A análise das respostas, conforme apresentado no gráfico, revela que 50% dos participantes concordam com essa afirmativa, enquanto 40% declararam concordar totalmente, somando assim 90% de aprovação à proposta. Esses dados corroboram os fundamentos teóricos apresentados anteriormente, nos quais autores já discutidos destacam o potencial pedagógico das histórias em quadrinhos na construção do conhecimento histórico, na valorização das identidades locais e na mediação cultural em contextos escolares. Dessa forma, reforça-se a ideia de que esse suporte narrativo-visual constitui um recurso efetivo no processo formativo dos estudantes caso seja trabalhada de forma efetiva nas aulas de histórias. Acerca disso, afirma Selma de Fátima Bonifácio:

Analisar os quadrinhos, compará-los com outras linguagens, lê-los também de forma prazerosa, produzi-los em sala de aula, individual ou coletivamente, são apenas algumas das inúmeras possibilidades a serem exploradas por meio de sua presença em sala de aula. Tais experiências podem conferir novos contornos e potenciais criativos, atribuindo novos significados às aulas de História. (BONIFACIO, 2005, 185).

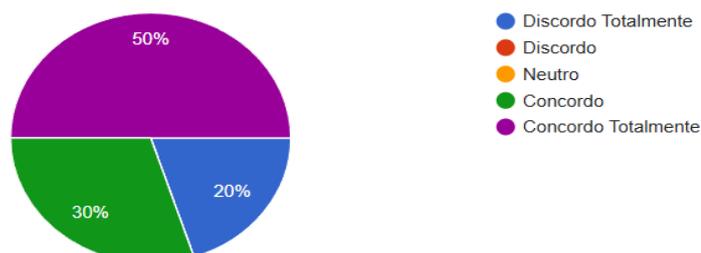
Ao acessarem materiais produzidos por colegas de mesma faixa etária, oriundos da mesma instituição de ensino e participantes de edições anteriores do projeto, os alunos puderam estabelecer uma identificação direta com os autores das HQs, o que potencializou o processo de aprendizagem. Dessa forma, a leitura das histórias em quadrinhos possibilitou não apenas o acesso a informações históricas e culturais relevantes, mas também a construção de sentidos baseados na experiência compartilhada, promovendo um aprendizado mais significativo, dialógico e contextualizado.

Imagem 24– Questão 3

3º) A abordagem da história em quadrinhos sobre as tradições e a história do Cabula foi respeitosa e precisa?

 Copiar gráfico

10 respostas



Fonte: <https://forms.gle/PdUpGRmhEuXkxbRXA>. Acesso em 26 de Jul de 2025

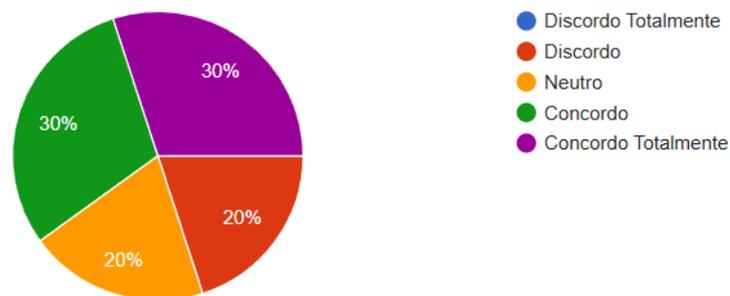
A terceira pergunta teve como objetivo compreender de que maneira os estudantes perceberam o respeito e o rigor histórico na abordagem dos patrimônios locais apresentados nas histórias em quadrinhos. A questão buscava avaliar se os alunos produtores do material, pertencentes a turmas anteriores, foram respeitosos ao tratar de elementos culturais e históricos de um espaço também vivenciado pelos leitores atuais, bem como se as informações apresentadas estavam em conformidade com uma perspectiva historiográfica precisa e fundamentada. A análise dos dados demonstrou que a maioria dos respondentes concordou plenamente com a afirmação de que o conteúdo foi tratado com responsabilidade e sensibilidade, reconhecendo tanto o cuidado na representação das tradições e memórias do bairro do Cabula quanto a validade do conhecimento histórico mobilizado. Esses resultados reforçam a relevância da atividade proposta enquanto instrumento de valorização da história local e da formação de uma consciência histórica crítica e participativa.

Imagem 25 – Questão 4

4º) A história em quadrinhos gerou algum impacto emocional ou incentivou você a refletir mais sobre os patrimônios do Cabula?

 Copiar gráfico

10 respostas



Fonte: <https://forms.gle/PdUpGRmhEuXkxbRXA>. Acesso em 26 de Jul de 2025

A quarta pergunta teve como objetivo investigar o impacto causado pela leitura das histórias em quadrinhos no que diz respeito à reflexão do leitor sobre os patrimônios do bairro do Cabula. A análise do gráfico revelou uma maior diversidade nas respostas, distribuídas entre as opções “discordo”, “neutro”, “concordo” e “concordo totalmente”. Foi possível observar que, para parte dos alunos, a HQ não gerou um impacto emocional imediato ou profundo, já que, em sua concepção, esse tipo de impacto estaria relacionado a reações afetivas mais intensas. No entanto, a predominância das respostas nas categorias “concordo” e “concordo totalmente” indica que houve, sim, um processo de reflexão em torno dos

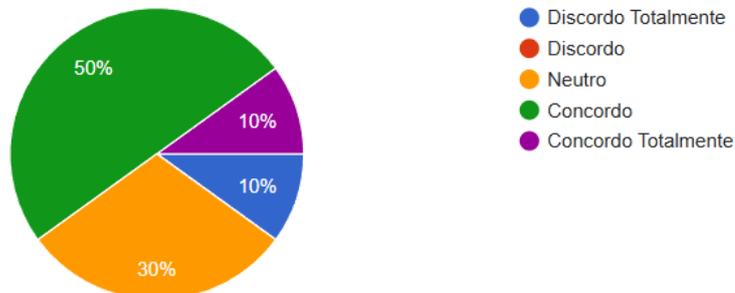
patrimônios abordados. Isso sugere que, mesmo sem provocar um envolvimento emocional expressivo, a leitura das HQs possibilitou uma identificação parcial com os autores e uma tomada de consciência sobre os espaços representados. Assim, compreende-se que o material cumpriu sua função educativa ao instigar o pensamento crítico e fomentar o interesse pelos elementos históricos e culturais do território.

Imagem 26 – Questão 5

5º) A história em quadrinhos contribuiu para o seu senso de valorização e orgulho pela identidade e história do Cabula?

 Copiar gráfico

10 respostas



A última pergunta teve como objetivo avaliar o senso de valorização e orgulho em relação à identidade histórica do bairro do Cabula, especialmente no que diz respeito ao seu passado enquanto território de quilombo. A questão foi formulada a partir da compreensão de que o reconhecimento dessa origem histórica pode contribuir para fortalecer a noção de pertencimento dos estudantes, valorizando os patrimônios locais como elementos significativos não apenas para a construção da memória do bairro, mas também para a formação identitária dos próprios sujeitos e para a história da cidade como um todo. A análise das respostas indicou que 50% dos participantes concordaram que a leitura das histórias em quadrinhos contribuiu para esse reconhecimento, sugerindo que o material teve impacto positivo no processo de valorização do território. Ainda que a concordância não tenha sido unânime, os dados apontam para a importância do uso de narrativas visuais e autorais na promoção de vínculos identitários, permitindo que os estudantes se reconheçam como parte de uma trajetória histórica marcada por resistência, cultura e pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e análises desenvolvidas ao longo desta pesquisa evidenciam que a proposta da solução mediadora de aprendizagem, por meio da produção de histórias em quadrinhos sobre os patrimônios do bairro do Cabula, consolidou-se como uma experiência significativa, colaborativa e inovadora no campo da educação histórica. O processo foi marcado por reformulações constantes e pelo diálogo contínuo entre teoria e prática, o que ratifica o caráter científico e formativo da dissertação. Desta forma, a produção deste material acessível, público e gratuito torna-se uma fonte para uma ampliação dos saberes acerca da comunidade do Cabula, com a voz e pensamento dos estudantes acerca dos patrimônios que os cercam, tendo sido construídos a partir de uma narrativa gráfica interativa e atrativa não só para os estudantes, como também, para toda comunidade.

Desde o início, buscou-se ir além da perspectiva do professor-pesquisador, incorporando as vivências e percepções dos estudantes sobre o território que habitam, a escola em que estudam e os patrimônios que os cerca. A participação ativa dos alunos, professores, funcionários da escola e outros agentes públicos resultou em um trabalho coletivo, enraizado na realidade local e na valorização do saber comunitário. O protagonismo estudantil na construção da solução mediadora de aprendizagem dialoga com a proposta de uma aprendizagem significativa, ao imergir os alunos nos espaços, incentivar a pesquisa e a sua produção como fontes de estudo e aplicação dos seus saberes.

Os objetivos propostos inicialmente foram plenamente alcançados: os estudantes definiram os patrimônios a serem investigados, construíram o conhecimento histórico a partir de suas experiências, ou seja, o professor age como mediador dos conhecimentos construídos, mas é o discente que com suas vivências expressou seu aprendizado no material. Outro fator importante de salientar foi o fato de terem aceitado o desafio de expressá-lo por meio de uma linguagem artística, utilizando a plataforma Pixton e mesmo sem ter conhecimento prévio do uso, terem se engajado e mostrado um trabalho estimulante para construírem suas histórias em quadrinhos.

O envolvimento dos alunos com a produção das HQs favoreceu um maior engajamento no processo de aprendizagem, além de contribuir para o fortalecimento de sua identidade cultural e do senso de pertencimento. Este trabalho, portanto, não se apresenta como um produto acabado, mas como uma construção contínua, alinhada aos princípios da História Pública, que preconiza a constante revisão, ampliação e diálogo com a sociedade.

A criação do repositório no Instagram amplia o alcance do material, garantindo sua difusão, atualização e preservação, além de reconhecer a potência do ambiente digital como espaço educativo e histórico. As histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes de uma escola pública localizada em um bairro periférico de Salvador tornam-se, assim, não apenas registros culturais, mas instrumentos de transformação e valorização social.

A conclusão deste trabalho não encerra a proposta, mas aponta para sua continuidade, reafirmando a importância da valorização dos patrimônios locais, do protagonismo estudantil e da produção artística e literária como componentes essenciais da formação cidadã. Por fim, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir não apenas para os moradores do Cabula, mas também para professores e pesquisadores que buscam metodologias participativas, centradas no estudante e comprometidas com uma educação historicamente situada, crítica e emancipadora.

REFERÊNCIAS

- ALBIERI, Sara. História Pública e Consciência Histórica. In: **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. pp. 19-28
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. **O que a História Oral ensina à História Pública**. In: MAUAD, SANTHIAGO, BORGES. (Org.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 101-120.
- AMORIM, Gabriela Priscila de Sena. **Uso de histórias em quadrinhos pixton como recurso didático para o estudo de genética no ensino médio/ Gabriela Priscila de Sena Amorim**. - Vitória de Santo Antão, 2021.
- ARAÚJO, Hudson Rezende de. **#Sacasonessahistória: as possibilidades do Instagram para o ensino de História**. 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2024.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. 1. p. 11-27.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONIFÁCIO, Selma de Fátima. **História e(m) quadrinhos: análises sobre a História ensinada na arte sequencial**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2005 (defesa); 2006 (publicação). Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/6604>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- BRAGA, Evandro José. **Leitura da HQ Angola Janga no ensino de história: uma reflexão sobre o racismo e a escravidão**. Dissertação de Mestrado PROFHIS/UNIFESP, 2020.
- BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD**. < <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld> > Acesso em 04 de Mai de 2024
- CARVALHO, B.L.P.; TEIXEIRA, A.A.T. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo.** *Transversos: Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, set. 2016.

CARVALHO, Ely Berço de. A questão ambiental e os professores de história da rede pública de ensino de Cuiabá. In: **ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA**, 2010, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2010. ISBN 978-85-7315-769-7.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica** / Luis Fernando Cerri. – Rio de Janeiro : Editora FGV, 2011.

CHIEN, Nabu (Nabuyoshi Chien). **O negro nos quadrinhos do Brasil.** São Paulo: Peirópolis, 2019.

DAMASCENO, Harrison dos Santos. **A utilização de histórias em quadrinhos para um ensino mais significativo em história** / Harrison dos Santos Damasceno. - 2023. < <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/56841/1/A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20HIST%C3%93RIAS%20EM%20QUADRINHOS%20PARA%20UM%20ENSINO%20MAIS%20SIGNIFICATIVO%20EM%20HIST%C3%93RIA.pdf> > Acesso em 06 de Jun de 2024

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga: uma história de Palmares.** São Paulo: Veneta, 2017.

Do Ó, A. P. ; GERMANO, M. R. G. . **Histórias em quadrinho na Web: Pixton ferramenta mediadora no processo de ensino e aprendizagem.** 2011. < <https://pt.slideshare.net/slideshow/histrias-em-quadrinhos-na-web-pixton-ferramenta-mediadora-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem/10503258> > Acesso em 12 de Jun de 2025.

DRUMMOND, José Augusto. **A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177–197, 1991

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Narrativas gráficas.** São Paulo: Devir, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRONZA, Marcelo. **As histórias em quadrinhos (auto) biográficas como possibilidade investigativa da cultura histórica mobilizada por sujeitos históricos latino-americanos.** In: ASSUMPCÃO, Luis Filipe Bantim de; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (org.). *História em quadrinhos na perspectiva da prática de ensino.* Vassouras, RJ: Editora Universidade de Vassouras, 2024.

FRONZA, Marcelo. **A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, PPGE, Curitiba, 2012.

- FRONZA, Marcelo. **O significado das histórias em quadrinhos na educação histórica dos jovens que estudam no ensino médio** / Marcelo Fronza. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2007.
- FONSECA, S. G. **Didática e prática de e história: Experiências, reflexões e aprendizagem**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da história Antiga. In: KARNAL, L.(Org.). **História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007.
- GARCIA, F. J. J. P.; CAETANO, M. P.; NAKAMOTO, P. T. **Ferramentas para construção de histórias em quadrinhos: uma revisão sistemática**. In: V SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 5., 2018, Uberaba, MG. Anais do Simpósio de Pós-Graduação... Uberaba: IFTM, 2018.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LIKERT, Rensis (1932), **A Technique for the Measurement of Attitudes**, Archives of Psychology, 140: 1-55
- LIMA, Douglas Mota Xavier de. **Histórias em quadrinhos e ensino de História**. Revista História hoje, v.6, nº11, p. 147-171, 2017.
- LIMA, Jamile de Brito. PENA, João Soares. FALCÃO, Plínio Martins. **OS RUMOS DA URBANIZAÇÃO: Crescimento urbano x áreas verdes no Cabula, Salvador (Bahia).X ETBCES. Educando para o Turismo de Base Comunitária**. De 14 a 18 de dezembro de 2020. ISSN 2447-0600
- LIMA, Savio Queiroz; PIMENTA, L. Um Índio na Imensidão Faraônica: O Olhar Educacional do Quadrinho Tiki sobre a Rodovia Transamazônica. In: BRAGA, Amaro X; MODENESI, Thiago. **Quadrinhos & Educação – Volume 1**. Jaboatão dos Guararapes, Faculdade dos Guararapes, 2015.
- MARTINS, Luciana Conceição de Almeida. **História Pública do Quilombo Cabula: Representações de resistência em museu virtual 3D aplicada a mobilização do turismo de base comunitária** / Luciana Conceição de Almeida Martins – 2017.
- MATOS, Allef de Lima Laurindo Fraemann. **Revista Educação e (Trans)formação**, Garanhuns, v. 04, n. 02, jul. 2019 / dez. 2019 Universidade Federal Rural de Pernambuco / Unidade Acadêmica de Garanhuns <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>. Acesso em 04 de Fev 2024
- MATTA, Alfredo. SILVA, Francisca de Paula da. MARTINS, Luciana. Design Cognitivo. In: **Transciopédia em difusão do conhecimento** / Dante Augusto Galeffi, Maria Inês Corrêa Marques, Marcílio Rocha-Ramos (organizadores). - Salvador : Quarteto, 2020.
- MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. **Quadrinhos: História moderna de uma arte global**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

- MCCLOUD S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda. 2005.
- MICHAELIS ONLINE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário online Uol. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- MOREIRA, Marco Antonio, Caballero, Concesa & Rodríguez Palmero, M^a Luz (2004). **Aprendizaje significativo: interacción personal, progresividad y lenguaje**. Burgos, Espanha: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Burgos. 86 p Versão revisada e estendida de conferência proferida no III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, Lisboa (Peniche), 11 a 15 de setembro de 2000. Publicada nas Atas desse Encontro, pp. 33- 45, com o título original de Aprendizagem significativa subversiva. Publicada também em *Indivisa*, Boletín de Estudios e Investigación, nº 6, pp. 83-101, 2005, com o título Aprendizaje Significativo Crítico. 1^a edição, em formato de livro, 2005; 2^a edição 2010; ISBN 85-904420-7-1.
- NETO SANTOS, E. dos; SILVA, M. R. P. (Org.). **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011, p.33 – 56.
- NICOLIN, Janice de Sena. **Ecos que entoam uma mata africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- PAIM, Elison Antonio; PICOLLI, Vanessa. **Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios**. História & Ensino: Londrina, 2007
- PIERRO, B. **Ciência em tirinhas**. In: Pesquisa Fapesp 269, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/07/17/ciencia-em-tirinhas/>. Acesso em 24 de mar. de 2024.
- PIERSON, Donald. **Branco e pretos na Bahia: Estudo do contacto racial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. In *Brasiliana da Biblioteca Nacional*. Rio
- PINHEIRO, José Gledison Rocha. **Linguagem e práticas no ensino de história** / José Gledison Rocha Pinheiro, Stella Rodrigues dos Santos. – Salvador, Quarteto, 2006.
- PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria. **Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente**. Tese de doutoramento em Ciências da Educação (Especialização em Educação em História e Ciências Sociais). Universidade do Minho, 2011)
- POSTEMA, B. **Estrutura Narrativa nos Quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018.
- RIBEIRO, Cristiano Prado. **Histórias em quadrinhos, mediação intelectual e divulgação do conhecimento histórico: as obras de Marcelo D'Saete à luz da História Pública** / Cristiano Prado Ribeiro. – Campo Mourão-PR, 2022.
- RÜSEN, J. Razão histórica. **Teoria da História I: os fundamentos da ciência da história**. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- SANTANA, Fernanda. **Dia da Água: trecho do Rio Cascão é o único com boas condições em Salvador**. Correio 24 Horas, Salvador, 22 mar. 2018. Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/bahia/dia-da-agua-trecho-do-rio-cascao-e-o-unico-com-boas-condicoes-em-salvador-0318>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SANTOS, Cláudio de Jesus. **Não chuta que é macumba: a patrimonialização do Ilê Axé Opô Afonjá e a sua contribuição no fortalecimento de uma identidade afro-religiosa no Brasil** / Cláudio de Jesus Santos. Orientação de Hippolyte Brice Sogbossi. São Cristóvão, 2019.

SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos, **Mestre Didi**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo :Max Limonad, 1988.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. 2 Ed. 2010. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/06/12/legado-religioso-e-social-de-mae-stella-de-oxossi-e-reverenciado-em-sessao-solene#:~:text=no%20ensino%20b%C3%A1sico,-,Igualdade%20racial,luta%20contra%20a%20intoler%C3%A2ncia%20religiosa.>> Acesso em: 26 jul. 2025.

SANTOS NETO, Elydio dos. Dez considerações para professores que desejam trabalhar com histórias em quadrinhos. In: SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da. (Orgs.). **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011, p. 130

SEVERO, M. F. da S.; SEVERO, D. F. **As HQs como ferramenta pedagógica em sala de aula**. Revista Incelências, v. 4, n. 1, p. 1-13, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009.

SILVA, E. M. da; OLIVEIRA, R. S. de. **O uso de HQs Pixton como recurso didático para o ensino da coesão e da coerência**. EntreLetras, v. 9, n. 3, p. 88-112, 2018.

SILVA, Uiran Gebara da; SOUZA NETO, José Maria Gomes de; MATOS, Allef de Lima Laurindo Fraemann. **Histórias em quadrinhos e educação: debatendo o uso de HQ no ensino de história**. In: ASSUMPCÃO, Luis Filipe Bantim de; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (org.). *História em quadrinhos na perspectiva da prática de ensino*. Vassouras, RJ: Editora Universidade de Vassouras, 2024.

SOARES, M. O.; SILVINO, M. **O conhecimento geográfico e as histórias em quadrinhos: uma experiência de ensino com Mafalda**. Revista Ensino de Geografia (Recife), v. 3, n. 1, p. 89-107, 2020.

SOARES, Franciele Silva; LOPES, Leonardo da Silva; BONETE, Wilian Junior. **Sobre História (Pública) no Instagram: experiências e potencialidades do meme para a divulgação e construção do conhecimento histórico**. *CONEHD – Convergências: Estudos em Humanidades Digitais*, Goiânia (GO), v. 2, n. 6, p. 171–190, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/2011/1703>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. Ensino da História Antiga e arte sequencial: Esboços introdutórios. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli.; CREMA, Everton. [orgs.] **Para um novo amanhã: visões sobre aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição LAPHIS/Sobre Ontens, 2016.

SPIEGELMAN, Art. **Maus – A história de um sobrevivente**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1980.

THOMÉ, Luciano. **Sexo, drogas e histórias em quadrinhos** / Luciano Thomé ; orientador Henrique Carneiro. – São Paulo, 2019.

UDERZO, Albert. **Asterix e Obelix nos jogos olímpicos**. Record, 2008.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 105-129.

VILELA, M. T. R. Os quadrinhos no ensino de História. In: VERGUEIRO, W.; RAMA, A. (Org.). **Como usar as Histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2016, p. 105 – 130.

ZARBATO, Jaqueline Ap. M.; SCHOSSLER, Joana Carolina; CARVALHO, Aline Vieira. **Educação Patrimonial, História Pública e Ensino: Análise e possibilidades para a História – Fronteiras: Revista de História** | Dourados, MS | v. 21 | n. 38 | p. 55 - 70 | Jul. / Dez. 2019 <
[@19bc_exercito. Dia da Árvore. 21 de setembro de 2024.
\[https://www.instagram.com/p/DALOXVlxkkx/?img_index=4\]\(https://www.instagram.com/p/DALOXVlxkkx/?img_index=4\)](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/24#:~:text=A%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Mundial,considerados%20significativos%20para%20a%20humanidade.></p>
</div>
<div data-bbox=)